

CAPÍTULO III

OS PILARES DO SABER ESAVIANO

[...] A tarefa de "collocar, organizar e dirigir" uma Escola Superior Agrícola, sob as linhas norte-americanas (conforme linguagem do meu chamado para o Estado de Minas), tem sido altamente difficil e ardua. Sem a Sympathia e cooperação do Governo Estadual, pouco, quasi nada podia-se ter conseguido [...] (ROLFS, 1929, [sp.]).

O objetivo central deste capítulo consiste em interpretar as “raízes” pedagógicas, isto é, as “bases” do saber esaviano, já que nos capítulos anteriores do trabalho buscou-se analisar as bases históricas que levaram o governo mineiro do Presidente Arthur Bernardes a criar a Escola de Viçosa, em 1920.

Vale ressaltar que a análise privilegiará o papel exercido pelo especialista norte-americano diante da tarefa de adequar⁸⁰ o *Land Grant System* às condições políticas, econômicas, sociais e culturais da população rural mineira, durante o período em que o mesmo ocupou o cargo de Diretor (organizador) da ESAV. P. H. Rolfs foi o responsável técnico por adequar o modelo americano na Escola, para que a instituição efetivasse a estratégia de modernização da agricultura pretendida pelo projeto de diversificação produtiva esboçado pelo Estado, desde o Congresso das classes produtoras, de 1903.

Assim, diante dos interesses das classes produtoras de MG e de acordo com o modelo dos *colleges* agrícolas americanos, Rolfs estabeleceu na ESAV um paradigma de agricultor moderno: o do *farmer* (fazendeiro) norte-americano. Junto a este paradigma nascia também a premissa de que o único agente capaz de levar o progresso aos campos de Minas Gerais era o “agricultor moderno”.

⁷⁹ Trecho extraído do Relatório Anual do Diretor da ESAV, P.H.Rolfs, referente ao ano administrativo de 1928. Relatório apresentado ao Dr. Djalma Pinheiro Chagas, Secretário de Agricultura, Indústria, Terras, Viação e Obras Públicas de Minas Gerais. Sem página, tópico conclusão. 20 de fevereiro de 1929. Viçosa. MG.

⁸⁰ Sobre o “nível” de adequação do sistema de ensino das escolas superiores agrícolas norte-americanas na ESAV ver o relevante estudo de RIBEIRO (2006). Neste artigo a autora apresenta um estudo comparativo entre os Land Grant Colleges e a Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa.

Conforme DULCI (1999, p. 52-53):

[...] a concepção da Escola de Viçosa estava ancorada numa espécie de compromisso entre ordem e mudança. Seu alvo era a renovação do campo, entendida não só em termos técnicos mas também socioculturais. Um programa de racionalização do meio rural: a questão a ser enfrentada era o peso da tradição, dos métodos rotineiros de produção, não a má distribuição da propriedade. A Escola, para isso, devia formar quadros e, mais ainda, irradiar idéias e valores. Rohlfs compreendia-o claramente ao insistir no papel pedagógico da Escola, a ser reproduzido por seus graduados, os quais deveriam estar preparados para liderar intelectualmente a modernização do campo [...] A formulação de um programa próprio implicava atender às condições locais, aos recursos existentes e ao potencial a ser aproveitado. Daí a importância conferida à pesquisa, lado a lado com o ensino e a extensão. Este trinômio, que define a universidade contemporânea, estava no núcleo do plano de Viçosa. Criar uma capacidade de produção científica e tecnológica – e de disseminação de seus resultados – daria grande suporte ao modelo de desenvolvimento interno que os dirigentes mineiros procuravam consolidar. Temos aí apresentadas as bases da estratégia de diversificação produtiva [...].

Por isto, o ensino agrícola na ESAV era entendido e defendido pelos seus organizadores como uma “alavanca”, ou melhor, como um alicerce fundamental na organização econômica do Estado rumo ao progresso.

Desse modo, será analisado, a partir dos próximos itens do presente capítulo, o novo espírito de ensino que marcou a organização da instrução agrícola na Escola de Viçosa. Diante dessas considerações deve-se ressaltar que alguns pontos do projeto educativo engendrado na Escola se ressaltam e, por isso, serão aqui apresentados e discutidos principalmente por intermédio das falas e pensamentos do cientista americano Dr. P. H. Rolfs.

3.0 O Espírito de P.H. Rolfs.

“A ESAV, animada pelo teu espírito, viverá do teu exemplo, cultuando a tua memória”⁸¹.

Pode-se atribuir certa semelhança entre a Escola de Minas de Ouro Preto e a

⁸¹ Frase extraída do busto de bronze de P.H. Rolfs erguido entre o Edifício Bello Lisbôa (Prédio do primeiro dormitório da ESAV) e o Prédio Principal (Edifício Arthur Bernardes) da antiga ESAV, atual Universidade Federal de Viçosa (UFV). O busto de bronze do cientista norte-americano foi inaugurado solenemente em 15/12/1942 como parte das festividades que marcaram a formatura dos Engenheiros Agrônomos da turma de 1942 da UREMG (Universidade Rural do Estado de Minas Gerais), antiga ESAV.

Escola de Viçosa, no tocante a sua criação. Enquanto a primeira foi organizada por Henri Gorceix⁸², a ESAV é devedora de seu organizador Peter Henry Rolfs quanto à sua moderna unidade funcional estruturada no tripé ensino, pesquisa e extensão. Pois, este cientista forjou em terras mineiras um novo método de trabalho, assim como o francês Gorceix o fez em Ouro Preto, apesar dos dois terem pertencido a épocas distintas. De tal modo, tornou-se importante compreender mesmo que ligeiramente, o tipo de formação que Rolfs trouxe para Minas Gerais, nos anos 1920.

Como já foi mencionado, a “Escola de Viçosa” tem as suas “raízes” no sistema *Land Grant Colleges* americano, e teve como “mentor” o professor Rolfs, nascido em 17 de abril de 1865, na cidade de Lê Claire, situada no Estado norte-americano de Iowa. Graduou-se em “Bachelor of Science, 1889, Master of Science, 1891, Iowa State Agricultural College, Doctor of Science, University of Florida, 1920”⁸³. Ele realizou uma série de publicações especializadas em agricultura e participou também de importantes associações científicas internacionais, como: American Association for Advancement of Science (Emeritus Life Member, 1938); membro fundador, Botanical Society of América, entre outras⁸⁴.

Nota-se que o especialista tem a “base” de sua formação acadêmica e científica realizada na primeira⁸⁵ *land grant institution* dos Estado Unidos, o *Iowa State Agricultural College*. De fato, P.H.Rolfs possuiu forte contato com a “filosofia” do sistema de ensino *Land Grant Colleges*, desde que era um estudante de graduação.

Para COELHO, E. (1996, p.24) “[...] Rolfs trouxe de sua ‘alma mater’, ‘Iowa State College’, os princípios básicos de ‘Ciência e Prática’, ‘Aprender Fazendo’, e a idéia das quatro pilstras⁸⁶ na entrada do ‘campus’, que também já existiam no ‘Iowa State College’ [...]”.

Na verdade, os pressupostos técnicos de “aprender fazendo” e “ciência e prática” representam uma espécie de “marca” dos *Land Grant Colleges*, materializadas também na ESAV. E sinalizam a incorporação de tais princípios, principalmente devido ao forte vínculo do especialista americano, durante toda a sua trajetória acadêmica, com

⁸² Para saber mais sobre o francês Henri Gorceix, diretor organizador da famosa Escola de Minas de Ouro Preto ver: CARVALHO (1978; 2002).

⁸³ Dados Bibliográficos do Dr. Peter Henry Rolfs é oriundo do Livro de Formatura: “ESAV 1939”.

⁸⁴ Conforme o Livro de Formatura ESAV 1939, [s/p.].

⁸⁵ Sobre a universidade de Iowa nos Estado Unidos, ver: LOPES (1995, p. 52-53).

⁸⁶ As quatro pilstras são de concreto e demarcavam, desde a criação da ESAV, a entrada do atual “Campus” da Universidade Federal de Viçosa (UFV), do perímetro da cidade de Viçosa. Em cada pilstra se encontram, até hoje, gravadas as seguintes palavras, em português e latim: “Estudar, Saber, Agir e Vencer”.

a “filosofia” instituída pelos *colleges* agrícolas norte-americanos. Exemplo maior disso é a própria concepção pedagógica adotada na escola, a qual fora pautada no método “aprender fazendo”, ou seja, os estudantes “esavianos” só aprenderiam verdadeiramente se fizessem como deveria ser feito: praticando agricultura no próprio ambiente natural da profissão rural.

Os novos métodos e o estilo de trabalho do americano engendraram, ao longo da trajetória da Escola de Viçosa, uma concepção pedagógica moderna de ensino agrícola, que pode ser bem explicitada pelo tipo de organização dada à instituição por Rolfs e sua equipe. Dessa maneira, optou-se pelo uso de uma metáfora para apontar ao leitor uma análise acerca dos pilares que estruturaram o saber esaviano: “o espírito de P. H. Rolfs”.

Esse espírito contrastava com a tradição vigente no país de opção pelo modelo⁸⁷ europeu de ensino agrônômico, porque Rolfs trouxe ao Brasil, um sistema de instrução rural, adaptado e modificado de acordo com o desenvolvimento e a necessidade agrícola de Minas Gerais. E é justamente na crença e na necessidade “[...] da teoria informando a prática; no incentivo à observação direta e na recusa ao ensino bacharelesco [...]” (DUTRA, 1990, p.34), que o cientista norte-americano apontou para o Estado e para a elite agrária mineira alguns caminhos para a superação do atraso econômico de MG. A seguir resumiu-se em alguns pontos o que parece fundamental neste espírito.

3.1 A formação teórico-prática e a formação moral: dois objetivos da educação esaviana

“O primeiro objecto duma Escola de Agricultura é o melhoramento das condições moraes, mentaes, e financeiras da população rural [...]” (ROLFS, 1925, p. 5), escreveu o organizador da ESAV em relatório, ao ruralista Arthur Torres Filho, do Ministério da Agricultura, sobre a questão da reformulação do ensino agrícola brasileiro.

Por isso, Rolfs ao assumir o compromisso, com o Estado de Minas Gerais, de organizar e dirigir uma escola agrícola estruturada nos pilares institucionais dos *Land Grant Colleges*, elegeu como preocupação maior: a educação da “base” populacional do

⁸⁷ Ver em ROLFS (1925; 1928) a discussão sobre o “peso” do modelo europeu como opção de modelo para a organização do ensino agrícola no Brasil.

meio rural, ou seja, das famílias das fazendas do Estado, por meio do ensino agrícola moderno, em todos os níveis de escolaridade, sobretudo adaptado às peculiaridades e necessidades destes cidadãos.

O especialista norte-americano era um cientista consciente de que o ensino agrícola moderno ideal só seria adequado na escola se a profissionalização “esaviana” envolvesse, de:

[...] modo especial a educação dos filhos de agricultores, com o fim de aumentar a riqueza das fazendas, pela applicação dos methodos mechanicos modernos, pelo aperfeiçoamento das culturas existentes e pela introdução de novas espécies de plantas e animaes (ROLFS, 1928, p.11).

Assim, esta concepção de ensino agrícola de Rolfs respaldada na premissa de educar as famílias rurais de MG com a finalidade de aumentar a riqueza das fazendas foi incorporada logo no primeiro Regulamento⁸⁸ da Escola de Viçosa, que foi aprovado pelo governo do Estado três (3) dias antes da inauguração oficial da instituição, pelo Decreto No. 7.323, de 25 de agosto de 1926, como mostra o artigo 2º abaixo citado:

O ensino ministrado pela Escola, com o intuito de educar a população agricola do Estado em todos os assumptos pertencentes á vida rural e melhorar a as suas condições moraes, mentaes, e econômicas, no mais breve tempo possível, será facilitado a alumnos com qualquer grau de instrucção e deverá ser sempre theorico-pratico. (REGULAMENTO DA ESAV DE 1926).

Prevaleceu, portanto o cuidado de não permitir que a essência “livresca” e “bacharelesca” da educação brasileira da época, pedagogia tradicionalista⁸⁹ – viesse influenciar negativamente o caráter “theorico-pratico” da educação esaviana, principal característica pedagógica do método de ensino adotado na escola, o “aprender-fazendo”,

⁸⁸ Deve-se mencionar que, “[...] o primeiro projeto de regulamento foi apresentado, ainda pelo Dr. Rolfs, em 12 de abril de 1926 e, como não tivesse agradado ao Governo, um outro foi pedido a agrônomos e educadores da capital, que o terminaram em princípios de junho do mesmo ano. De posse dos dois projetos o Dr. Bello Lisbôa elaborou um terceiro que, concluído em 20 de junho, transformou-se no Decreto nº 7.323, de 25 de agosto de 1926, assinado pelo Presidente do Estado, Dr. Fernando de Mello Vianna e por seu Secretário de Agricultura, Dr. Daniel Serapião de Carvalho [...] O primeiro regulamento foi modificado pelo Decreto nº 7.461, de 21 de janeiro de 1927, que manteve, porém entre outras características, a da realização de trabalhos experimentais”. (UREMG, 1968, [s/p]).

⁸⁹ Pedagogia tradicionalista – refere-se a uma pedagogia baseada no ensino “verbalista”, enciclopédico, clássico em que o professor transmite o conhecimento como se fosse o centro do saber e o aluno, como “tábua rasa”, ou seja desprovido de qualquer informação. Nesse ensino tradicional os conhecimentos não são adaptados conforme a realidade do aluno e não possuem utilidade prática, isto é, prevalecem os estudos teóricos, “bacharelescos”.

conhecido também pelo termo “pedagogia do exemplo”⁹⁰.

Inclusive, o próprio Rolfs, em Relatório Anual⁹¹ de Diretor da escola, referente ao ano letivo de 1928, notificou e justificou ao Secretário de Agricultura do Estado de MG sua aversão pelo ensino agrícola excessivamente teórico, isto é “bacherelesco”:

[...] Temos evitado, igualmente que a Escola se degenere em um estabelecimento de instrução theorica, pois, devemos em tudo servir o mais possível aos agricultores, e no estado actual, elles necessitam de instrução pratica, ligada á instrução theorica apropriada. (ROLFS, 1929, [s/p.]).

Ainda, em relatório, P. H. Rolfs apontou como “termômetro” do nível de aproximação dos fazendeiros e agricultores do estado com a ESAV, o aumento das matrículas no estabelecimento e a satisfação destes fazendeiros e produtores rurais que visitavam a instituição. A partir daí, constatou-se que não seria possível envolver a população rural se o ensino agrícola ministrado no estabelecimento fosse unicamente de cunho teórico, isto afastaria os homens do campo e conseqüentemente seus filhos. Mais importante ainda, é que se a Escola não estabelecesse uma estreita ligação com a população rural a ESAV não conseguiria difundir a ideologia⁹² almejada pelo Estado e pela elite agrária mineira desde o Congresso Econômico de 1903: expandir a economia e diversificar a produção através do uso dos métodos e técnicas agrícolas modernas.

Outro indício levantado para se compreender a negação do ensino “livresco” por parte de Rolfs e demais dirigentes da Escola relaciona-se com o seguinte pensamento educacional da época em estudo: havia pensadores, como Carneiro Leão e outros que pertenciam a uma corrente de intelectuais liberais, os quais concebiam que a educação deveria ser prática e profissional para o povo brasileiro, pois além de incentivar a formação moral e cívica do Brasil, somente, esta modalidade educativa prática, voltada para o trabalho, “baseada no cultivo, na capacidade de produção elevaria o Brasil à altura dos seus interesses” (LEÃO, 1916). Porque, segundo este intelectual:

[...] educar não é ensinar apenas a escrever e a ler. É formar, desenvolver e dirigir as

⁹⁰ Essa pedagogia será melhor trabalhada no item 3.3.1 do presente trabalho.

⁹¹ Referente ao ano administrativo de 1928. Relatório apresentado ao Dr. Djalma Pinheiro Chagas, Secretário de Agricultura, Indústria, Terras, Viação e Obras Públicas de Minas Gerais. Sem página. 20 de fevereiro de 1929. Viçosa. MG.

⁹² Entende-se ideologia aqui, como: “[...] concepção de mundo, que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individuais e coletivas”. (GRAMSCI, 1987, p. 16).

aptidões individuais, melhorando-as, dando-lhes possibilidades novas, adaptando-as às necessidades da época, às exigências do momento e do meio (LEÃO, 1916, p. 23-24).

Assim, esta concepção de educação para o trabalho era defendida como um “contraponto” a tradição das carreiras públicas no país, visto que somente as carreiras práticas poderiam estimular os indivíduos “[...] a desenvolverem as suas aptidões pessoais, a contarem consigo, com as suas próprias forças, levando-os ao esforço, à perseverança, à luta, conscientes e confiantes na sua capacidade e no seu trabalho” (LEÃO, 1916, p.29).

Nas carreiras práticas projetava-se através da meritocracia dos indivíduos superar as práticas paternalistas que costumavam envolver os cargos do funcionalismo público brasileiro. Trata-se de um princípio do liberalismo clássico em que o cidadão só conseguiria desfrutar do progresso e do estado de civilização da sua nação se cada indivíduo fosse capaz de produzir no menor tempo possível e não onerar o seu governo como faziam os funcionários públicos do Brasil, conforme ressaltava Carneiro Leão. Pelo contrário, para este intelectual liberal a necessidade primordial era:

Cultivar a terra é a necessidade primeira, uma educação que nos leve a fazê-lo, com amor e proveito, a mais sábia medida para o engrandecimento da pátria. E não só o amanho da terra, mas fomentação das indústrias, a competência, a capacidade para acção e o trabalho productivo, são os meios únicos de fazerem do Brasil, fraco e pobre, uma nacionalidade respeitada e grande. (LEÃO, 1916, p.36)

Em síntese, para este autor as profissões “bacharelescas” não contribuiriam com a produção da riqueza nacional, objetivo maior de toda e qualquer nação capitalista e ainda enfraqueciam a evolução das carreiras profissionais práticas no país, principalmente da área agrícola.

Por conseguinte, Rolfs também manifestava tal aversão ao ensino tradicional, “enciclopédico” e primava pela prática associada à teoria na “medida necessária”, pois segundo o diretor organizador da ESAV:

[...] no Brasil, como na Europa, encontramos um numero grande de cidadãos bem instruídos que não podem ganhar por si mesmos os meios necessários para a vida, sendo-lhes indispensável um auxilio do governo, sem haver serviço correspondente. Deveria ser o ideal duma republica treinar todos os seus cidadãos de tal maneira que cada um pudesse ganhar uma vida farta sem que lhe fosse necessário receber o que podemos chamar uma “subvenção” do governo federal ou estadual. Incluímos em “subvenção” qualquer auxilio pecuniário pago a um funcionario que não seja

estricamente necessário para a administração do governo. Desejamos que os nossos alunos sejam capazes de ganhar uma vida suficiente cada um por si e depois para a sua família, por meio da agricultura practica (ROLFS, 1928, p.26).

Desse modo, o especialista americano em conjunto com seu Vice-Diretor, Dr. João Carlos Bello Lisboa, o mesmo que chefiou a comissão de construção da Escola, e o primeiro corpo docente⁹³ esaviano, adaptaram cuidadosamente os cursos à realidade econômica e social da população agrícola de MG, sem perder de vista os interesses político-econômicos e sócio-culturais do Estado de MG, de lançar “as luzes” do “Progresso” nas lavouras de Minas Gerais.

Deve-se mencionar que a realidade econômico-social mineira também apresentava a principal “chaga sócio-educacional” mais combatida dos dois primeiros decênios republicanos do século XX, o analfabetismo.

Rolfs, diante do prevalecimento da baixa escolaridade encontrada no Estado mineiro, afirmou, em Tese apresentada na IIª Conferência Nacional de Educação, realizada em Belo Horizonte, no período de 4 a 11 de novembro de 1928, que:

[...] Ao organizar os vários cursos de instrução da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais tivemos sempre em mente o facto que hoje a maioria da nossa população agrícola tem pouca instrução, variando, segundo os cálculos mais acreditados, entre 60 e 80% de analphabetos [...] (ROLFS, 1928, p.12)

Esta questão de adaptação dos cursos da Escola de Viçosa ao meio social tornou-se “chave” do sucesso da instituição. Pouco mais de seis (6) meses após o início de seu primeiro semestre letivo⁹⁴ houve aumento de mais de cem por cento (100%) do número de alunos. A instituição iniciou suas atividades de ensino em agosto de 1927, apenas com vinte (20) alunos matriculados no curso técnico e cinco (5) no curso elementar de capataz rural, sendo que um aluno deste curso desistiu. Com tal aumento das matrículas, houve a necessidade de contratar mais professores⁹⁵.

⁹³ “[...] O primeiro Corpo Docente foi composto pelo Dr. Hermann Rechaag, Professor de Zootécnica, Dr. H. Dipo Soares de Oliveira, Professor de Matemática, e Dr. Diogo Alves de Mello. Este último, tendo estado onze anos nos Estados Unidos, tinha os títulos de B. S. da Universidade de Missouri [...]” (Livro de Formatura ESAV 1939, [s/p.]). Compunham também o corpo docente esaviano os seguintes professores: Francisco Horta lecionava português no ensino médio e elementar; Nelson Lellis, aritmética, geografia, geometria e desenho no nível médio e elementar também; Otávio do Espírito Santo, português e história somente no ensino médio. Fonte: Primeiro Anuário da Escola, 1927, p. 10.

⁹⁴ O Primeiro Semestre letivo da ESAV ocorreu no período de 1º de agosto a 15 de dezembro de 1927.

⁹⁵ No item 3.3.2 deste capítulo do trabalho será tratado com maiores detalhes a questão do perfil dos professores que foram chegando à ESAV até meados de 1929, com destaque as qualidades técnicas e

Além do mais, o aumento do quadro de alunos esavianos indicou que a meta de adequação do sistema americano de ensino agrícola à realidade material do “mundo rural” de MG foi alcançada, principalmente pelo fato da instituição ter oferecido cursos profissionalizantes de níveis elementares e médios aos filhos dos fazendeiros e agricultores, até para aqueles que não tivessem os diplomas de instrução primária.

3.2 Cursos oferecidos na ESAV

Veja os objetivos e exigências dos cursos de estudo na ESAV, conforme seu Regulamento de 1927⁹⁶:

[...] Art. 4º. Os cursos da Escola serão distribuídos nas seguintes modalidades:

I) elementares.

II) médios.

III) superiores.

IV especializados.

Art. 5º. Os cursos elementares, com duração de um anno, constituem um systema de educação rudimentar para o preparo de agricultores e capatazes ruraes conscientes de sua profissão, e comprehendem o ensino de agricultura e veterinaria, de character essencialmente pratico, alliado à instrucção geral indispensável.

§ 1º Destina-se estes cursos a suprir as necessidades educativas, relacionadas com a vida rural, de pessoas que não tenham oportunidade de receber instrucção mais completa [...]

Art. 6º. Os cursos médios, com duração de dois annos, destinam-se principalmente aos filhos de fazendeiros ou agricultores que não tenham feito o curso gymnasial e visam formar bons technicos agrícolas e administradores ruraes [...]

Art. 7º. Os cursos superiores de Agricultura e Veterinaria, destinam-se á formação de profissionais de agronomia e veterinaria, com ensinamentos theorico-pratico integral das matérias indispensáveis ao exercício dessas profissões, aproveitando-se nelles os candidatos que houverem concluído o curso gymnasial.

§ 1º A duração destes cursos será de quatro annos, subdivididos em oito semestres [...]

Art. 9º Os cursos de especialização serão organizados para altos estudos e pesquisas originaes sobre agricultura e veterinária e destinam-se a alumnos que houverem concluído um dos cursos superiores desta Escola ou equivalentes [...] (REGULAMENTO DA ESAV DE 1927, ps.27-28).

Assim, diferentes modalidades de educação rural seriam oferecidas conforme o grupo social. Para os filhos de fazendeiros, agricultores que detinham o diploma de grupo escolar, curso médio. Já o curso superior em agricultura e veterinária destinava-se aos filhos de produtores rurais que eram portadores de certificados de aprovação em ginásio equiparado ao Colégio Pedro II, com um mínimo de dez preparatórios. E para os

pessoais que um professor esaviano deveria apresentar.

⁹⁶ Regulamento Aprovado pelo Decreto Estadual No. 7.460 de 21 de Janeiro de 1927.

trabalhadores rurais e filhos de agricultores menos privilegiados socialmente eram oferecidos os cursos de educação mais “rudimentar”, como o de capataz rural. Daí percebe-se a sintonia da organização dos cursos da Escola com a estrutura de divisão de trabalho, ou seja, deveriam existir os profissionais para executar e aqueles para orientar e supervisionar o trabalho no campo. Só não se deve esquecer que na ESAV todo o aluno independente do curso matriculado deveria “arregaçar as mangas e sujar as mãos e botinas” isto é, **aprender fazendo**.

Cabe ressaltar que, tanto os cursos elementares quanto os cursos médios oferecidos exigiam que os moços tivessem 18 anos completos. Mas o principal pré-requisito que destacaria a Escola de Viçosa das outras instituições educativas do gênero se deu por intermédio da flexibilidade no quesito escolaridade, por exemplo: um jovem com 22 anos que procurasse a escola para estudar no curso de nível elementar formador de agricultor/capataz rural deveria apresentar apenas o:

“[...] diploma de instrução primaria ou na falta desse poderá o candidato prestar na Escola exame de habilitação constante de: calligraphia, leitura e arithmetica (as quatro operações fundamentaes). O Alumno que terminar o curso elementar, poderá matricular-se no curso médio.” (ROLFS, 1928, p.18).

Já nos cursos médios formadores de Técnicos Agrícolas ou Administradores Rurais os moços deveriam apresentar “Diploma de Grupo Escolar” e também poderiam realizar na própria ESAV uma espécie de exame de admissão⁹⁷, o qual atestaria a exigência da escolaridade mínima exigida se os futuros esavianos não tivessem tal diploma.

Estas peculiaridades da instituição em estudo foram plenamente ressaltadas e ilustradas pelo próprio Diretor da escola, segundo o trecho abaixo:

[...] Temos no Estado muitos excellentes Gymnasios, onde deverão estar os moços de menos de 18 annos de idade e que não tem ainda os seus preparatórios. Temos uma só Escola de Agricultura, onde homens sem preparatórios e com mais de 18 annos de idade poderão receber instrucção agrícola correspondente á idade e preparo. Parece que a Escola de Agricultura de Minas constitue a única no gênero no centro do Brasil. Temos, por exemplo, o caso dum rapaz Paulista, de vinte três annos de idade, serio e intelligente. Antes de vir a Viçosa, apresentou-se em diversas outras Escolas para matricula, não podendo entrar por lhe faltarem os preparatórios ou por ter idade demais.

⁹⁷ O referido exame de admissão para os cursos de nível médio na Escola de Viçosa constava “[...] de: 1) prova escripta de Portuguez, 2) prova escripta de arithmetica, noções de geometria e desenho, 3) história do Brasil e educação moral e cívica.” (ROLFS, 1928, p.18).

Chegou com algum atraso e quando perguntamos porque não veio antes, respondeu que só pouco tempo antes havia tido conhecimento da Escola e que fora necessária sua presença na fazenda para a safra do café. No fim do semestre foi a casa e trouxe um irmão, de vinte e um annos de idade, sendo ambos alumnos exemplares. (ROLFS, 1928, p.21)

Este elevado grau de flexibilidade dos cursos oferecidos pela ESAV denota claramente que a instituição, “a qualquer custo”, almejava fazer com que seus conhecimentos modernos sobre agricultura fossem apropriados por todos os níveis sociais da população rural de MG, a fim de prepará-los para o progresso que a escola queria instalar nos campos mineiros, em resposta aos interesses político-econômicos do Estado de Minas Gerais.

Por isso, o especialista americano se fez profundo conhecedor da realidade educacional e sócio-econômica do Brasil, principalmente de MG. Daí identificou os perfis dos “rapazes da lavoura”, como costumava chamar os filhos de fazendeiros e agricultores, tendo detectado os moços do campo que deveriam ser alcançados pela difusão do ensino agrícola moderno proporcionado pela Escola de Viçosa, através dos estudos e estimativas que realizava sobre a população rural mineira:

O Estado de Minas, com os seus seis milhões de habitantes deve ter mais de um milhão de famílias, sendo provável que metade destas morem em propriedade agrícolas. Podemos calcular que em pelo menos um por cento dessas famílias haja um moço com mais de dezoito annos de idade, sabendo ler e escrever e fazer as quatro operações de arithmetica, estando portanto em condições de matricular-se na Escola. Assim vemos que neste Estado há não menos de cinco mil moços que poderiam matricular-se no nosso Curso Médio. É provável que mais de 90% delles nunca freqüentaram e nem freqüentarão gymnasios. São os rapazes da lavoura que, na Escola se tornam os melhores alumnos e que depois retribuirão ao Estado maiores benefícios relativamente ao tempo que assistiram às aulas [...] (ROLFS, 1928, p. 21-22)

Ou seja, P. H. Rolfs tinha plena convicção de que o projeto educativo esaviano deveria e poderia abarcar progressivamente o maior número de jovens das famílias residentes em propriedades rurais. Ciente disto, desde cedo trabalhou em prol do estabelecimento de um elo cultural, ou seja, de uma estreita e harmoniosa relação da ESAV com os lavradores e fazendeiros do Estado.

Percebe-se, a partir das colocações e argumentações feitas pelo Diretor (organizador) da ESAV, a marca do ideal liberal republicano, de que perante o Estado todos os cidadãos são iguais, não há luta de classes, muito menos estratificação social. Nesse caso da população rural mineira, que todos os seus integrantes fazendeiros,

agricultores e trabalhadores teriam direito a um assento escolar nos bancos da Escola de Viçosa. Evidente que para cada nível social do indivíduo havia uma determinada modalidade de curso intrínseca a função social a ser desempenhada, ou seja, trata-se do “dualismo educacional”⁹⁸.

Na verdade, esta universalização/democratização e flexibilidade da instrução agrícola moderna, realizada pela ESAV desde os primeiros semestres do funcionamento de seus cursos, tinha a meta de reorganizar os conhecimentos e valores culturais dos filhos dos fazendeiros para que estes multiplicassem, em suas regiões, os conhecimentos modernos de agricultura. Segundo DUTRA (1990):

[...] O perfil do aluno ideal para a escola agrícola, é traçado, tendo por base a preferência pelo aluno oriundo da classe média e, preferencialmente, de inteligência média para executar e não interpretar. A pretensão de fazer desse aluno um futuro líder para trabalhos internos e externos à escola, tem como limite que essa diferença se atenha ao aspecto técnico. A busca do padrão civilizatório, dessa forma, permanece fiel ao ideal hierárquico como padrão para o social (DUTRA, 1990, p. 34).

E foi justamente o que se pôde inferir ao se observar a seguinte colocação do Dr.

Rolfs:

Os alumnos do Curso elementar têm geralmente pouco desenvolvimento mental, não por falta de inteligência, mas por falta de instrução, e por isso não esperamos que os moços que terminam o Curso Elementar voltem para a roça fazendeiros perfeitos ou agricultores peritos em tudo que é pertinente á lavoura. Ficaremos satisfeitos se elles voltarem ás fazendas em condições de empregar as machinas agrícolas essenciaes, entender algo da selecção de sementes, saber ler escrever com algum desembaraço e fazer o trabalho mais simples de contabilidade agrícola. Deverão saber bastante para realizar e dirigir os trabalhos agrícolas mais communs. O mais importante é que elles adquiram o desejo de conseguir melhor trabalho nas fazendas e uma aspiração a serem melhores cidadãos. O Curso Médio é bastante mais difficil. Exigimos para matricula um preparo igual ao exigido para matricula nos Cursos Superiores, há quarenta annos passados. Pelo menos 50% dos alumnos presentemente matriculados em nosso curso Médio têm intelligencia sufficiente para estarem matriculados no Curso Superior hoje, se tivessem tido as vantagens de boa instrução quando tinham de 14 a 18 annos de idade. *São os alumnos deste Curso que mais contribuirão para o futuro bem estar do Estado produzindo os resultados mais immediatos.* Os que completam o Curso Elementar voltarão, na maioria, às propriedades dos seus paes e muito poucos terão influencia além da vizinhança [...] (ROLFS, 1928, p.20-21).

O americano chegou à seguinte conclusão quanto ao papel dos moços formados

⁹⁸ Dualismo Educacional –refere-se a existência de um sistema de ensino que visa direcionar um determinado grupo de indivíduos desprivilegiados socialmente somente ao nível elementar de instrução, enquanto que para o grupo dominante este sistema educacional promove a elevação cultural ao maior nível possível.

no curso médio da Escola:

[...] Estou certo, entretanto, que alguns dos formados no Curso Médio terão influencia além dos limites dos seus municípios, tornando-se excelentes fazendeiros, ou talvez Mestres de Cultura Ambulantes, se houver para estes últimos direcção adequada. Não sabem tanto quanto devem saber, necessitando voltar de quando em quando á Escola para beber de novo na fonte de instrucção, ver novos methodos e machinas e discutir com os professores os problemas e difficuldades que encontram. (ROLFS, 1928, p.21).

Dessa maneira, percebe-se nessa constatação feita pelo organizador da instituição pesquisada o propósito de criação na ESAV de mecanismos “tanto da formação de quadros dirigentes quanto do adestramento da força de trabalho” do meio rural. Quadros dirigentes estes que dada as suas limitações intelectuais, no que tange à evolução dos conhecimentos técnicos da agricultura moderna, deveriam sempre estabelecer estreito contato com a Escola. Esta era mais uma estratégia do estabelecimento para solidificar ainda mais o elo técnico e cultural da profissionalização esaviana com a realidade da população rural mineira. Com esta diretriz pedagógica, a Escola de Viçosa criava mais um produto nobre em MG: o ex-aluno.⁹⁹

Vale ressaltar que, do corpo documental consultado e analisado, pôde-se constatar no bojo do projeto educativo de “melhoramento” técnico, moral e mental do homem¹⁰⁰ oriundo da lavoura mineira, dois princípios básicos na profissionalização esaviana:

- A educação do esaviano, calcada numa moralidade cívica, patriótica¹⁰¹ higienista e de educação para o trabalho.
- A utilização de métodos e técnicas modernas para a renovação do campo. Dentre estes métodos, destacam-se a mecanização agrícola e a diversificação das culturas.

Deste modo, no próximo item do trabalho será destacado o tipo de pedagogia “forjada” na ESAV e como o ensino agrícola da Escola deu suporte material para a configuração e desenvolvimento do processo de modernização da agricultura do Estado

⁹⁹ Cabe notar a inexistência de estudos que apontam e analisam a trajetória dos ex-alunos da ESAV, atual Universidade Federal de Viçosa (UFV) constituindo-se assim numa lacuna de pesquisa no campo da História da Educação mineira. Principalmente porque “[...] Viçosa foi o celeiro de uma intelligentsia agrônômica que ganharia espaço tanto na administração publica, estadual e federal, quanto no setor privado, sem falar naturalmente da própria área acadêmica”. (DULCI, 1999, 52).

¹⁰⁰ Fosse este homem: trabalhador rural, fazendeiro ou filho de grande, médio ou pequeno agricultor.

¹⁰¹ Deve-se entender por moralidade patriótica no sentido de amor incondicional à terra.

através da formação daqueles esavianos que deveriam ser os *leaders* (líderes) em agricultura do Estado, no período em estudo.

3.3 A Pedagogia do campo: ensino teórico prático, utilitarista e de tempo integral

Desde a edição do decreto governamental, que permitiu a criação da ESAV o Estado concebeu a Escola enquanto uma instituição voltada para “ministrar o ensino prático e theorico de Agricultura e Veterinária” e realizar estudos experimentais que concorressem para o desenvolvimento destas ciências em Minas Gerais. O principal “alvo” da Escola era promover a renovação do campo em duas perspectivas: técnica e sociocultural.

Por isto, conforme dito anteriormente, foi eleito por P.H. Rolfs um tipo de produtor ideal: o produtor moderno, pois, tanto para a elite agrária quanto para os dirigentes da Escola o maior obstáculo para o desenvolvimento da agricultura estadual eram os métodos arcaicos utilizados pelos “caipiras¹⁰² mineiros”, isto é, pelos trabalhadores rurais. Estes métodos eram classificados como atrasados e anti-econômicos, por serem resistentes aos avanços da ciência agrícola moderna.

O próprio Arthur Bernardes, mentor da instituição se pronunciou sobre esta questão do empirismo agrícolas:

Creei esta Escola Superior de Agricultura e Veterinária com o alto objectivo de abolir o empirismo agrícola, a que tantos mineiros consagravam suas energias, no amanho diuturno da terra como na criação e pastoreio dos seus rebanhos. Tendo me cabido a fortuna de creal-a como Presidente de Minas e tendo tido a satisfação de assistir, como Presidente da República, à sua inauguração official, regosijo-me ao vê-la, hoje, em pleno funcionamento e já despertando novos estímulos nas gerações moças, empenhadas, agora, numa actividade racional e scientifica, que há de conduzi-las a maior e mais fácil prosperidade (BERNARDES, 1929, [s/p]).

Então, diante desta tarefa de superar as técnicas e métodos agrícolas rotineiros dos produtores de MG, a ESAV traçou em seus cursos de estudo um programa de ensino totalmente voltado para atender às necessidades agrícolas do Estado.

¹⁰² “[...] A cultura do caipira, como a do primitivo, não foi feita para o progresso: a sua mudança é o seu fim, porque está baseada em tipos tão precários de ajustamento ecológico e social, que a alteração destes provoca a derrocada as formas de cultura por eles condicionada” (CANDIDO, 1997, p.82).

Dessa maneira, esteve a Escola lançando nos solos férteis de Minas Gerais os principais difusores do novo paradigma de agricultor moderno, os seus próprios alunos, que seriam formados intelectualmente¹⁰³ para serem os *leaders* (líderes) na agricultura no Estado, ou seja, os líderes do projeto de modernização do campo.

Assim, competia ao quadro discente da instituição difundir entre os fazendeiros e operários rurais as técnicas, idéias e valores preconizados pelo ensino agrícola moderno proposto por Rolfs, uma vez que se esperava superar no trabalhador rural mineiro a figura de um brasileiro doente e indolente, apático e contrário à introdução da ciência no campo – Jeca tatu¹⁰⁴.

Contudo, para melhor compreensão do leitor sobre a concepção pedagógica

¹⁰³ O termo intelectual aqui deve ser entendido conforme a visão de Gramsci (1989) em que os intelectuais são entendidos como um grupo social autônomo, porém com uma função social de “portavozes” dos grupos ligados ao sistema produtivo, isto é, ao “mundo da produção”.

¹⁰⁴ O Jeca Tatu é um personagem criado pelo escritor Monteiro Lobato que “[...] veio à luz num dos contos do livro *Urupês*, de 1918, e no ano seguinte, em *Idéias de Jeca Tatu*, firmou-se como símbolo de uma brasilidade caipira, preguiçosa, indolente e acorçada no chão de terra de seu casebre de sapé, e provocou muitas reações no imaginário da sociedade e da cultura nacionais [...] no primeiro quarto do século XX, passa a explicar o nosso Jeca como produto do meio físico e social: verminose, subnutrição, analfabetismo e descaso das autoridades compõem o drama de sua indolência, de sua resignação, de sua entrega ao destino dos derrotados, de sua desistência de quaisquer futuros. Tudo isso dele, Jeca Tatu, e do brasileiro, em geral, cujas condições de vida era preciso mudar com urgência” (VOGT, 2004, p.1). Para LAJOLO (2004, p. 1-2): “[...] A história do Jeca Tatu relaciona-se com a biografia de Lobato. Segundo seus biógrafos, em 1911 ele herda uma fazenda de seu avô – a fazenda Buquira, no Vale do Paraíba (SP) – tornando-se fazendeiro. Pelo que se sabe, um fazendeiro cheio de idéias modernas, disposto a modernizar agricultura e pecuária. Tropeça, no entanto, em práticas muito arraigadas do camponês brasileiro. Desentende-se com o capataz, fica bravo, despede empregados. E, em uma carta ao jornal *O Estado de S. Paulo*, cria uma figura desqualificada (que viria a ser o Jeca Tatu) para representar o caipira. Essas cartas foram publicadas com tanto destaque no jornal, que ganharam *status* de artigo, ambos publicados em 1914: *Velha Praga* em 12 de novembro e *Urupês* em 23 de dezembro. O sucesso foi tão grande que, quando Lobato publica seu primeiro livro de contos, em 1918, dá a ele o nome *Urupês* [...] Num primeiro momento, Monteiro Lobato responsabiliza o Jeca – o camponês, o trabalhador rural, o “sem terra”, na linguagem de hoje – pelos problemas da agricultura. Considera-o preguiçoso demais para promover as necessárias mudanças na agricultura e no seu (dele, Jeca) *modus vivendi*. Nesse momento, Lobato é implacável na desqualificação de toda a cultura caipira, de suas manifestações artísticas à sua linguagem e às suas práticas econômicas. Um pouco depois, no final dos anos 1910 e no bojo das campanhas sanitárias, Lobato muda sua análise do problema: o Jeca não é mais réu, porém vítima, é a precariedade da saúde pública brasileira – da qual sofre as conseqüências, representadas, por exemplo, pelo impaludismo e pela verminose. É nesse momento que Lobato se envolve em campanhas de saúde pública. E finalmente, vinte anos depois, nos anos 40, no livreto *Zé Brasil*, Lobato aproxima-se mais uma vez da cultura caipira, articulando-a a questões econômicas: o Jeca – agora rebatizado de Zé Brasil, numa *renomeação* bastante sugestiva – é pouco produtivo porque não é dono da terra em que trabalha. Ou seja, o Jeca não é preguiçoso, nem doente, mas sim vítima do latifúndio brasileiro. Vale a pena assinalar que essa última versão do Jeca coincide com a aproximação do escritor com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Para um estudo da evolução do personagem Jeca Tatu na obra de Monteiro Lobato ver LAJOLO (1983, p. 101-105).

engendrada na ESAV serão sumariamente analisados aqui dois eixos que nortearam a pedagogia do campo, são eles: o método de ensino e o tipo ideal de professor para atuar na Escola.

3.3.1 Método de Ensino

Duas expressões podem ser utilizadas para melhor explicitar as premissas que fundamentaram o saber esaviano: “ciência e prática” e “aprender fazendo”, o que significava a união do conhecimento científico de agricultura com a prática aliada a teoria na medida certa. Assim era preconizada a profissionalização na Escola de Viçosa no período analisado.

E quem explica a relação destes pressupostos com o ensino esaviano é o próprio organizador técnico da Escola:

[...] Quasi todos os estabelecimentos de ensino agrícola que se encontram funcionando presentemente neste paiz, são apenas um agrupamento de vários departamentos (que frequentemente são excellentes), dando instrucção nas sciencias, cada estudo mais ou menos separado e geralmente sem qualquer relação com a agricultura. O Departamento de Botânica visa formar bons Botânicos, o Departamento de Chimica formar bons Chimicos e assim por diante. Estes vários departamentos raramente se preocupam com a idéia de ensinar a parte da sciencia relacionada com a agricultura pratica, ou o que há de mais moderno quanto a agricultura. Hoje em dia encontramos milhares de livros excellentes sobre agricultura e as varias sciencias com ella relacionadas. É verdade que quase todos elles são em língua estrangeira, porém, mesmo assim, há muito pouca razão em se desperdiçar durante mezes ou até annos o tempo dos alumnos de agricultura em aprender matéria que não se applicará na sua profissão [...] Os fundamentos das sciencias são os mesmos para todas as profissões, porém, a sua applicação á agricultura differe radicalmente da sua applicação ás outras industrias. Em verdade, a agricultura constitue um modo de vida, - em pensamento, em maneira de viver, de agir, o fazendeiro differe dos homens de outras actividades de vida [...] (ROLFS, 1928, p.23-24).

Assim, Rolfs explicava que havia a necessidade de uma “unidade pedagógica” entre os departamentos de ensino de uma Escola agrícola. Pois, caso contrário esta dicotomia entre os saberes científicos só conseguiriam formar bons químicos, bons botânicos e consequentemente não contribuiria com uma formação *integral* dos profissionais em agricultura, já que neste campo da instrução profissional o principal objeto de estudo tinha de ser a agricultura. Desse modo, os demais saberes deveriam complementar a formação técnica do aluno, mas sem prejudicar a aprendizagem central da instituição. Trata-se da união entre teoria e prática na medida certa.

Diante disto é que, desde cedo, optou-se na Escola de Viçosa por organizar as

disciplinas dos cursos esavianos em quinze (15) departamentos de ensino: Agronomia, Zootecnia, Horticultura e Pomicultura, Fitopatologia e Entomologia Econômica, Solos e Adubos, Silvicultura, Química, Engenharia Rural, Anatomia, Microbiologia e Parasitologia, Fisiologia, Clínica Veterinária, Cirurgia Veterinária, Matemática e Contabilidade Agrícola e Economia e Legislação Rurais.

Pela enumeração dos departamentos verifica-se que somente os dois últimos não são propriamente technicos; todos os demais tem influencia directa sobre a agricultura ou veterinária. É sensível a falta de cadeiras de estudos de sciencias puras; não quer isto dizer que não sejam estas ensinadas; as partes que forem essenciais para o ensino agrícola foram distribuídas pelos Departamentos em que são mais proximamente relacionadas. Houve a maior preocupação em se poupar o esforço dos alumnos para applical-os nos estudos de influencia directa sobre os campos. (LISBÔA, 1928, p. 14).

Toda esta preocupação didática dos dirigentes da instituição estava ligada ao objetivo de não transformar a profissionalização promovida na Escola numa educação livresca ou bacharelesca. A exigência da instrução agrícola de ser sempre teórica e prática denota a intenção da ESAV de não se afastar, em momento algum, daqueles que eram considerados os principais produtores da riqueza do Estado, os fazendeiros mineiros. Isto porque os agricultores teriam rejeição aos novos métodos propagados pela Escola de Viçosa se os mesmos não tivessem cunho essencialmente prático e condizente com a realidade da agricultura mineira.

Daí a seguinte colocação do cientista norte-americano:

Devemos sempre lembrar que em uma Escola de Agricultura, é a Agricultura que deve ocupar o lugar de importância no programma. Sendo o tempo dos alumnos principalmente occupado com o estudo de Historia, línguas, mathematica, sciencias naturaes, chimica, physica, etc., não formará bons fazendeiros. Scientistas excellentes poderão ser produzidos, se a instrucção for bem feita, mas em Escola de Agricultura devemos visar principalmente produzir os agricultores de que o Brasil tanto carece. Não digo que qualquer dos estudos referidos acima não seja excellente ou que todos elles, não devem fazer parte dos programmas das Escolas de Agricultura, mas sim que os annos que os nossos moços podem dedicar ao estudo da agricultura são demasiadamente curtos para que possam estudar bem as matérias que lhe serão indispensáveis na vida futura (ROLFS, 1928, p. 24-25).

Por esta razão é que o primeiro corpo discente da Escola fora composto sem retirar os alunos de outros estabelecimentos de ensino, já que eram oriundos das propriedades agrícolas quase todos filhos de agricultores e criadores “[...] inteligentes, trabalhadores e muito interessados nos methodos modernos de producção” (MELLO,

1927, p. 63).

No entanto, não bastava aos moços matriculados na ESAV apenas serem filhos de produtores rurais. Pois, os alunos deveriam conhecer a profissão que haviam “abraçado”, gostar e deter o máximo interesse pela agricultura em geral, visto que quando se tornassem profissionais deveriam estar preparados para engrandecer a economia do Estado de Minas Gerais. É justamente sobre estas características necessárias ao aluno esaviano que o professor de agronomia, da primeira turma do ensino elementar e médio, escreveu em relatório à Secretaria de Agricultura do Estado:

Para que um homem alcance sucesso na sua profissão são necessarias duas coisas: 1) que elle goste e tenha o maximo interesse, e, 2) que conheça bem a profissão que abraçou. Sobre o primeiro ponto muito fiz e com bastante prazer posso dizer que consegui interessar a maioria dos alumnos na vida agrícola, mostrando-lhes os encantos da roça. Sobre o segundo ponto, fiz-lhes ver a necessidade que cada um tem de conhcer bem a sua carreira e que, ao sahirem formados desta Escola, é dever de cada um saber produzir. Outro ponto que muito frizei, foi sobre o trabalho com as machinas agrícolas, provando que, enquanto não empregarmos os processos modernos e scientificos de trabalhar na lavoura, não poderemos produzir muito, não estaremos aptos, portanto, a concorrer com as nações que produzem muito e economicamente, empregando machinas. É o custo de producção por unidade que mata a nossa producção agrícola. Demonstrei aos alumnos frequentemente, com estatísticaas, quanto um homem é capaz de produzir com machinas, e pelo processo rotineiro. Ninguém gosta de trabalhar na roça pelo método rotineiro, mas todos gostam de trabalhhr com as machinas modernas, trabalho esse muito mais suave e agradável [...] (MELLO, 1927, p. 63-64).

Dessa forma, além de traçar um perfil para o discente da ESAV o professor Diogo Alves de Mello, em plena sintonia com o paradigma do *farmer* (fazendeiro) norte-americano, incutia na mente dos alunos que o único meio de colocar a economia mineira no compasso do desenvolvimento econômico era disseminar a utilização das máquinas agrícolas no campo.

Vale aqui lembrar outro condicionante histórico importante, qual seja, a modernização agrícola calcada na audaciosa estratégia de diversificação produtiva de que Viçosa constituiu um marco. Daí se pregar nesta Escola o método de ensino calcado no “aprender fazendo”. O seu corpo discente era constantemente submetido às aulas práticas com as máquinas agrícolas necessárias para uma lavoura científica e moderna, como: “[...] vários typos de arados, de grades, de semeadeiras, de cultivadores, e um tractor ‘fordson’, com arado e grade de discos’ (MELLO, 1927, p. 64). Mas, como era desenvolvido a metodologia do “aprender fazendo” na instituição?

Segundo Rolfs (1927, p. 87):

[...] Aqui, os alumnos abrem buracos, aram a terra, fazem limpeza dos estábulos, e muitos outros serviços de natureza elementar. Nós esperamos que, na vida pratica, elles não terão de fazer estes mesmos serviços. Porém, todo trabalho tem um modo mais eficiente para ser feito. Sómente com pratica, podem os alumnos apprender os meios melhores, e, por conseguinte, ser mestres do assumpto, para poderem depois ensinar aos seus empregados os serviços, e exigir dos empregados, que sejam elles feitos efficientemente. É só fazendo, que podem apprender verdadeiramente como se deve fazer (ROLFS, 1927, p. 87).

Do método pode-se inferir que a aula prática não se limitava à observação de demonstrações. Era preciso acima de tudo fazer, trabalhar o tempo todo, conhecer a prática profissional e gostar do trabalho rural. Nota-se que a proposta pedagógica da Escola era fiel “ao ideal hierárquico como padrão para o social”, já que os esavianos deveriam aprender, na prática, os métodos e técnicas a serem utilizadas numa fazenda moderna, a fim de no futuro saberem instruir seus empregados ou subordinados sobre a melhor maneira de trabalhar. Isto sucedia porque, para ensinar os futuros produtores rurais do Estado, deveriam primeiro saber como fazer.

Cabe ressaltar que todas as atividades da instituição ocorriam em tempo integral (*full time*), por isto a ESAV funcionava em regime de internato, semi-internato e externato. De acordo com seu Regulamento de 1927:

Art. 34. No internato será adotado o regimen de responsabilidade pessoal do alumnos, que serão grupados, no maximo até cinco em cada apartamento.

Art. 35. O semi-internato destina-se aos alumnos que desejarem passar o dia na Escola, com direito a almoço, merenda e jantar.

Art. 36. O externato ficará quanto à residência, sujeito á vigilância da Diretoria da Escola, que poderá exigir a mudança de residência de alumnos, por motivo de hygiene ou moralidade. (REGULAMENTO DA ESAV DE 1927, p. 48).

Pioneira no oferecimento de moradia¹⁰⁵ aos seus estudantes a Escola de Viçosa associou, desde o primeiro semestre letivo, as suas aulas alicerçadas na ciência moderna e na experimentação à disciplina:

¹⁰⁵ A ESAV ofereceu moradia estudantil desde os primeiros tempos da instituição, pois mesmo “[...] não estando ainda o dormitório em condições de receber alumnos, foram aproveitados alguns dos commodos do porão do prédio principal como quartos. Esta providencia reconhecemos era muito longe de ser a ideal, especialmente quanto á disciplina. Não era absolutamente aconselhável utilizar-se, como dormitório permanente, o porão do prédio. Porém, por motivo da vigilância especial por parte da Directoria, bem como a cooperação do medico, não tivemos nenhuma difficuldade quanto á saúde dos alumnos. A disciplina também se manteve como rigor, tendo sido registrados poucos casos de infracções serias [...]” (ROLFS, 1927, [s/p]). Vale ressaltar que as duas primeiras seções do prédio destinado a hospedagem dos estudantes esavianos foram inauguradas a 26 de junho de 1928 com a presença de inúmeras autoridades do Estado, do governo federal, local e da Igreja. Fonte: LISBÔA (1929, p.4).

[...] baseada na responsabilidade pessoal dos alumnos, orientada de modo a se despertar ou desenvolver em cada um o sentimento do bom proceder por força do carácter, sem temores e sem constrangimento, evitando a todo transe rebaixar os alumnos, mas elevá-los, combatendo com rigor o fingimento e a hypocrisia, que tantos males fazem aos internatos [...] (LISBÔA, 1927, p. 42).

Tratava-se da edificação da moralidade do esaviano, visto que a ênfase na educação pelo carácter e não pela força denota o ideário da moderna pedagogia concebida na Escola de Viçosa. Reflexo da “Pedagogia Escola Novista” pregada na Europa e Estados Unidos (Pragmatismo¹⁰⁶ de John Dewey). Ideário este que já sinalizava o contraponto da formação esaviana no que tange aos métodos tradicionais do ensino brasileiro da época, muito conhecido pela instrução voltada para os estudos clássicos, enciclopédicos e pelos castigos físicos.

Ao contrário do que imperava nos internatos brasileiros, adotou-se o regime de cooperação, onde cada estudante era senhor de si, e devia reconhecer o próprio dever, saber usar seus direitos e primar pela sintonia da coletividade. Havia, na verdade, uma espécie de “autogoverno”, já que todo mês era escolhido um aluno interno, de cada sessão do alojamento, para participar do “conselho de disciplina”. Este conselho contava também com a participação de um professor nomeado pelo diretor.

De acordo com o ex-aluno do curso de agronomia da ESAV, Antonio Secundino de São José:

O sistema de internato para rapazes era uma cousa nova no País. Outras escolas tinham-no experimentado antes, abandonando-o por insucesso. Desse modo, os dirigentes da Escola se esforçavam por estabelecer um regime capaz de fazer um sucesso do nosso sistema de internato, todo ele, como o é ainda hoje, baseado no princípio da responsabilidade pessoal. Para isso, era necessário que a disciplina fosse rígida, observada de perto. E era-o, sem a menor sobra de dúvida [...] (ESAV, 1939, [s/p]).

Logo, se deduziu que, para a direção da Escola, a questão da formação técnica era indissociável à formação moral. Pois, além do regime de responsabilidade pessoal que marcou a administração do internato, foi criada também na instituição “[...] uma reunião geral dos alumnos, de curta duração, com o fito de lhes serem ministrados

¹⁰⁶ Segundo COMETTI (2005, p.76): “O pragmatismo baseia-se na insistência sobre a prática, sobre a atividade experimental, rejeitando a dualidade do materialismo clássico e das limitações do materialismo, abriu caminho para o desenvolvimento de uma teoria da mente e da natureza, através da ciência experimental, a qual propõe uma nova interpretação da natureza e um novo critério para o pensamento reflexivo. Foi dentro desta perspectiva pragmatista que a ciência utilitária se desenvolveu na Escola (**Lê-se ESAV**) [...]”.

instruções de ordem moral, cívica e higiênica” (REGULAMENTO DA ESAV DE 1927, p. 52).

Tais reuniões ocorriam no salão nobre do Edifício principal da ESAV, eram sempre curtas, com média de quinze a vinte minutos de duração “e de natureza prática”. Inclusive, realizava-se até uma prova escrita sobre o conteúdo das palestras dadas nessas reuniões, a fim de garantir a atenção e efetivar a participação dos alunos. A partir de 1928, as reuniões gerais passaram a ocorrer diariamente, de segunda-feira a sábado, sempre das 10:00 horas às 10:30. Cada professor ficava responsável por um determinado assunto da temática geral (moral, civismo e higiene), sendo que os estudantes tinham lugar marcada no salão, isto é, o esaviano “passava a ter” um assento fixo para todas as reuniões. Tal estratégia almejava coibir a falta proposital dos alunos, além de expressar o autoritarismo presente nesta proposta modernizadora de ensino.

Buscava-se, assim, cada vez mais um padrão ideal para a conduta do esaviano, uma vez que:

As reuniões gerais constituir-se-ão num dos principais recursos pedagógicos utilizados na instituição, para concretizar o projeto de educação integral concebido, através da inculcação massiva de valores morais, cívicos e higienistas. Mais que isso, seu formato de organização, o esquadrinhamento do espaço, com a definição do assento fixo de todos os participantes [...] indicam e demarcam as posições de autoridade, dos detentores do saber e do poder no estabelecimento, explicitando e reforçando a visibilidade e a capilaridade do poder disciplinar instituído (AZEVEDO, 2005, p. 156).

Na verdade, as reuniões gerais eram, na ESAV, uma espécie de instrumento pedagógico destinado a “formar¹⁰⁷” a “alma” do esaviano. Assim, eles estariam preparados para liderar a modernização do campo pretendida pelo estado e pela elite agrária mineira dos anos 1920.

Vale lembrar que estas reuniões se parecem muito com aquelas reuniões¹⁰⁸ semanais com os encarregados de obras instituídas por Bello Lisboa, quando ele chefiou a Comissão de Construção da Escola. Estas reuniões destinavam-se a incutir uma gama de valores morais, cívicos e de higiene voltados para a “edificação” de um bom trabalhador, saudável, honesto e disciplinado para o trabalho. Segundo AZEVEDO (2005, p. 156-157):

¹⁰⁷ Conforme o sentido de formar almas do autor CARVALHO (1998).

¹⁰⁸ Para saber mais sobre esse assunto ver capítulo II do presente trabalho.

Ao que se parece, a sugestão da reunião geral partiu do então vice-diretor da ESAV, que era o responsável pela disciplina e pela área de recursos humanos do estabelecimento, desde dezembro de 1922, quando assumiu o cargo de Engenheiro-chefe das obras de construção da Escola [...]

Enfim, o método de ensino forjado na ESAV, além de ter colocado os seus alunos em estreito contato com a rotina de trabalho do mundo rural, através da participação dos esavianos em todas as atividades práticas de manuseio de máquinas e instrumentos agrícolas, pesquisas e experimentos¹⁰⁹ realizados nos laboratórios e na fazenda da Escola, conseguiu incutir na mente de cada um os valores, atitudes e idéias necessárias à “construção” do tipo ideal de produtor rural estabelecido por Rolfs na instituição: o produtor moderno.

E P. H. Rolfs não perdeu a oportunidade para registrar o sucesso da pedagogia do campo estruturada na Escola de Viçosa, quando afirmou o seguinte:

Ao iniciar os trabalhos em Minas, fui seguramente informado por muitos dos ‘leaders’ em educação que os jovens Mineiros não aceitariam a forma americana de instrução agrícola, que elles teriam vergonha de sujar as mãos tocando em arados e outras machinas agrícolas. Tenho a máxima satisfação em dizer-vos que é exactamente o contrario o que se tem dado com os nossos alumnos; elles preferem as aulas práticas nos campos às aulas theoricas. É signal disso o facto de termos tido sempre candidatos em numero superior à capacidade da matricula, que vae se elevando gradativamente de accordo com as possibilidade do Estabelecimento (ROLFS, 1928, p. 14).

Este indício de sucesso da metodologia de ensino utilizada na instituição também denota outro ponto importante que foi muito bem trabalhado por P. H. Rolfs e seus sucessores: o tipo ideal de professor para atuar na Escola.

3.3.2 O Tipo ideal do professor esaviano

Para os dirigentes da Escola um bom professor deveria ter a formação acadêmica necessária, experiência profissional e boa conduta social. Além destas três qualidades básicas, o docente da ESAV deveria dedicação exclusiva, pois, segundo Rolfs (1925, p. 19-20):

¹⁰⁹ Vale ressaltar que, professores e alunos realizavam campos de experimentos no plantio e colheita de algodão, bata doce para rama, capim elefante, capim imperial, milho catete, milho cristal e suas pragas, entre outras espécies de milho e arroz, etc.

Um ‘professor’ pode ser definido como sendo uma pessoa que dedica todo seu tempo ao ensino na Escola. Si uma pessoa tem negócios privados ou profissionaes, fóra do ensino (o que é muito prejudicial á Escola), ella é somente professor em parte do tempo. Estes professores são os mais caros e os que dão piores resultados nas Escolas porque geralmente consideram os ordenados pagos, como sendo um ‘honorarium’ que lhes é devido pelo Estado ou nação. Deste modo ligam pouco interesse na cooperação com a Escola, ou para o seu adiantamento. Na América do Norte, muitos professores, alem do ensino nas Escolas Agrícolas, condusem pesquisas nas Estações Experimentaes. Todo o tempo, entretanto, é empregado no estabelecimento. Este modo tem provado satisfatório. Outros professores nestas instituições, são auxiliares do ‘Extension Work’. Isto também, tem sido mais ou menos satisfactorio. De modo geral, pode ser dito que um professor muito bem habilitado, divide sem tempo entre o ensino e trabalhos privados ou profissionaes fóra do estabelecimento, é menos desejável do que um professor mediano, que dedica todo seu tempo e atenção para o desenvolvimento e melhoramento da Escola.

A busca por este tipo de profissional para atuar na Escola extrapolava os limites dos oceanos, uma vez que P.H. Rolfs recrutava os futuros professores esavianos nas universidades e instituições de pesquisa de seu país de origem, os Estados Unidos. Apesar de longos, os trechos da carta¹¹⁰ enviada por Rolfs a Bello Lisboa¹¹¹ retratam o processo de “investigação” que era realizado pelo cientista norte-americano, mesmo quando ele já não ocupava mais a cadeira de diretor da Escola.

Caro Dr. Lisboa:

Acabo de retornar de uma extensa viagem completamente voltada aos interesses da Escola. Primeiramente fui à Atlanta onde há um jovem canadense que parece especialmente indicado para ocupar a cadeira de Zootecnia. [...] Depois fui a Washington onde fiz algumas pesquisas e procurei por um homem que certamente irá realizar bons trabalhos no Brasil. Entre outros, ouvi falar sobre um jovem de nome Hambleton (E. J.). Conheci seu irmão que é chefe da Seção de Apicultura no Governo Federal. A Apicultura tem sido bem mais desenvolvida do que qualquer outra cultura. Solicitei ao Sr. Hambleton para entrar em contato com seu irmão e tentar descobrir se o jovem rapaz estaria de fato interessado em ir para o Brasil. [...] O jovem rapaz é graduado pela Universidade de Ohio, mestre pela Universidade Cornell e atualmente está cursando o doutorado. Ele é especialista em aracnídeos. Ele tem 28 anos e se formou em 1926. Como viveram a vida toda em uma fazenda ele e sua esposa estão perfeitamente familiarizados com o campo e com as suas dificuldades que podem encontrar. Ele ainda tem grande facilidade para lidar com o trabalho prático no controle de insetos, o que tem aprendido com a experiência atual. Este ano ele trabalhou com uma dúzia ou mais de pomares no Condado de Niágara, onde fiscaliza se as misturas borrifadas estão bem preparadas, se estão sendo aplicadas ao tempo certo, averiguando os resultados. Por isso notamos que

¹¹⁰ Não se sabe ao certo, mas presume-se que a referida carta data de setembro de 1929, quando o professor viajava pelos EUA. Inclusive consta no Livro de Formatura “ESAV 1939” que Bello Lisboa havia solicitado a P.H. Rolfs que contratasse três professores para a Escola, nas áreas de zootecnia, entomologia e fitopatologia, as mesmas dos candidatos entrevistados pelo norte-americano.

¹¹¹ Na época da referida carta Bello Lisboa já ocupava o cargo de Diretor da ESAV e P.H. Rolfs de Consultor Técnico em Agricultura do Estado de Minas Gerais.

ele vem trabalhando com problemas práticos no controle de insetos. Ele ainda é muito bom em entomologia prática, especialmente na classificação de insetos. Teve ainda experiências como professor. Dentre todos eu acho que ele é o homem mais bem preparado em entomologia que eu conheci. Dr. Phillips, chefe da disciplina de apicultura na Universidade de Cornell me disse que Hambleton foi ótimo aluno nos estudos práticos de apicultura. Eu o questionei sobre o fato de conseguirmos equipamentos modernos para este trabalho, já que deveríamos levá-lo conosco quando embarcarmos. O Sr. A. S. Muller, muito embora seu nome seja alemão, se parece muito com um norte americano e eu imagino que seus antepassados já estejam morando neste país a muito tempo. Ele acaba de completar três anos em Porto Rico, onde esteve envolvido com fitopatologia. Seu interesse em Porto Rico concentra-se nas doenças do café. Todas as colheitas de café neste país são muito similares às do Brasil, especialmente as do estado de Minas Gerais. Eu fiquei muito contente no caso do Sr. Muller, pois se eu o tivesse visitado dois dias depois ele teria assinado contrato de trabalho com Porto Rico para um retorno de mais três anos. Entretanto ele estava muito atraído pela possibilidade do Brasil oferecê-lo um cargo como chefe do Departamento e assim, maior área de atuação. Ele tem feito um bom trabalho em Porto Rico e gostaria de ter voltado para terminar alguns trabalhos já iniciados. O tipo de ensinamento que ele tem desenvolvido vai na linha daquele que nós precisamos em Minas Gerais. Já que seu trabalho prático em fitopatologia tem se voltado para o plantio do café, não será difícil para ele se adaptar com as práticas dos fazendeiros em Minas. Ele é graduado e mestre pela Universidade de Cornell. No momento está arcando com as despesas de sua irmã com a Universidade. Por isso já vemos que o Sr. Muller é um homem que pensa no conforto e no avanço dos outros. Ele gosta muito de tênis e eu espero que você tenha um número de quadras prontas para que ele possa dar aos alunos alguma instrução neste esporte. Ele tem se exposto ao sol por tanto tempo que se está se parecendo com o filho de um “caipira”. Ele teve três anos de experiência com o espanhol se tornando fluente. Com um pouco de prática ele irá, sem sombra de dúvidas, estar preparado para se fazer entender pelos estudantes brasileiros. Eu disse ao Sr. Muller que observasse a questão dos aparatos científicos que irão permitir ao seu Departamento realizar trabalhos de pesquisa. Ao tempo certo você receberá mesas, cadeiras, conexões de gás e outras coisas em nome do laboratório de Fitopatologia. O Sr. A.O. Rhoad, graduado pela Pennsylvania, é mestre em laticínios pela Universidade de Cornell. Ele pertence a uma tradicional família alemã da Pennsylvania, tendo nascido e crescido em uma fazenda. No presente momento ele ministra aulas de reprodução animal na Cornell. Ele é especializado no trato de derivados do leite, principalmente manteiga e queijo. Tem considerável experiência com cooperativas de leite. Também teve experiência no manejo de aves e se ele for mesmo trabalhar conosco poderá nos fornecer parte da criação avícola do Departamento da Universidade onde trabalha. A instituição tem uma das melhores criações avícolas dos Estados Unidos. O fato de ser professor na Cornell já é uma garantia de que ele é um homem muito bom. Foi muito bem instruído tomando conta da parte de reprodução animal e se especializando em nutrição animal. Eu expliquei a ele que nós precisamos de um zootecnista para planejar a questão da nutrição animal e também o uso dela. Ele me falou sobre as freqüentes dificuldades encontradas no trabalho quando a alimentação animal destinada ao Departamento de Zootecnia é de responsabilidade de outros Departamentos. Como ele não tem experiência em países tropicais terá que se acostumar ao tipo de colheita. Milho, sorgo, e outras culturas como estas são comuns a ele, mas cana japonesa, capim elefante e várias outras ele não conhece. Ele ainda tem vasta experiência na construção e abastecimento de silos. Provavelmente ele ajudou a enchê-los ou mesmo coordenou tal processo antes de ir para a Universidade. Eu estive conversando com ele a respeito de qual o tipo de silo recomendado e sobre a possibilidade de construirmos um em Viçosa. Depois de pensarmos sob a ótica de

vários pontos de vista, e levando em consideração as dificuldades que encontramos em Viçosa, finalmente concluímos que um silo de concreto e tijolos seria o mais prático. Eu pedi ao Sr. Rhoad para conseguir um modelo para fazermos os blocos de concreto. A Escola tem sorte de podermos contar com homens tão bem preparados nas suas diferentes áreas de atuação. Eles tiveram não só cursos de preparação intensiva, mas também uma vasta experiência prática, sendo bem sucedidos em diferentes situações. O mais importante é que eles têm uma forma correta de ver o trabalho que executam. Seus superiores são pessoas que treinaram uma centena, ou mesmo milhares de jovens rapazes. E estes profissionais estiveram longe da Universidade o bastante para mostrarem que podem obter sucesso profissional mesmo longe de seus professores [...] ¹¹² (ROLFS, 1929).

Desta forma, nota-se que a formação, a experiência profissional e a conduta moral de cada professor eram características indispensáveis para o docente esaviano. Este padrão de qualidade exigido pelos dirigentes da Escola estava em perfeita sintonia com a concepção pedagógica da ESAV.

Logo se entende por que até o comportamento individual do profissional era exaustivamente investigado e analisado, pois eram os professores junto à direção que formavam moralmente e intelectualmente os futuros líderes em agricultura de MG. Logicamente, um profissional de baixo nível técnico e com má conduta pessoal jamais estaria apto a trabalhar numa instituição como a Escola de Viçosa, cuja palavra de ordem era “aprender fazendo” e educar pela edificação do bom caráter.

3.4 A pesquisa utilitária e a extensão rural

Deve-se ressaltar que, na ESAV, todas as atividades eram de caráter utilitário e deviam sempre estar condizentes com as necessidades da agricultura mineira. Por isso, foi incorporado no Regulamento da Escola que:

Art. 141 Nos Departamentos adequados da Escola se realizarão experiências sobre plantas e animais, estudos e pesquisas originárias com o fim de se descobrirem verdade básicas úteis à agricultura e à pecuária do Estado e se produzirem novas espécies e variedades com valor econômico.

Art. 142. Nos Departamentos adequados da Escola serão feitas demonstrações, visando a propagação de novas culturas, de métodos modernos de agricultura e tratamento e criação racionais de animais domésticos.

Art. 143. Na fazenda da Escola serão feitas culturas em grande escala, sendo cuidadosamente observada a parte econômica, com o fim de serem induzidos os lavradores do Estado a aplicar os métodos ensinados pela Escola.

Art. 144. Os trabalhos de aclimação de plantas e animais se realizarão nos Departamentos competentes e visam a introdução de plantas e animais

¹¹² A carta em inglês encontra-se na íntegra em anexo “A”. A carta foi traduzida por Thiago Enes.

considerados adaptáveis às condições naturais do Estado. (Regulamento da ESAV de 1927, 72-73).

Assim, todas as experiências¹¹³, demonstrações, aclimação de plantas e animais da instituição eram sempre realizadas conforme a realidade agrícola do Estado justamente para garantir a produtividade e disseminação dos modernos métodos e técnicas de produção agrícola ao maior número possível de produtores rurais mineiros. Veja abaixo o seguinte relato de Rolfs com relação a experiências com o plantio de arroz realizadas na fazenda experimental da Escola:

Continuamos as experiências com o plantio do arroz em vargens altas, com resultados uniformemente bons. Este anno, foi plantada muito maior área, sendo o total quasi dois hectares. Ficou claramente demonstrado que os methodos convenientes de cultura mais simples, a do arroz pode ser feita mais (economicamente) em vargens altas, do que pelos outros methodos geralmente empregados. Não dizemos que cada pé produza tantos grãos como sob irrigação, porém, geralmente a irrigação é impossível para os agricultores desta parte de Minas, a não ser para pequenos plantios, que não produzem o suficiente para o gasto, na propriedade. Onde há abundancia de água para irrigação, o terreno é de tal natureza que o custo de nivelamento para um systema de irrigação é despendioso demais. Não apenas para o presente, mas para muitos annos vindouros, os lavradores de Minas deverão confiar na aração profunda, e cultivos freqüentes, para a produção econômica do arroz. Com o presente numero de trabalhadores ruraes, a zona da Matta poderia produzir arroz por preços eguaes ou menores do que os paizes do Oriente (ROLFS, 1927, p.38).

Desse modo, diante desta tarefa de propagação de “conhecimentos agrícolas úteis” para o desenvolvimento econômico de Minas Gerais, duas estratégias foram criadas para atrair os fazendeiros para a Escola: a realização de feiras e exposições e a criação do serviço de extensão rural.

As feiras e exposições eram realizadas com o objetivo maior de divulgar a Escola para os produtores e, como a ESAV estava localizada em uma região do Estado de MG quase que exclusivamente agrícola, os seus dirigentes praticamente não encontravam problemas com a questão da divulgação da instituição.

Nestes eventos destinados à população rural mineira havia exposição de frutas, *citrus* e até *Dahlias* (flores). Eram atividades de caráter utilitário que mostravam ao público o resultado das experiências de campo dos professores e alunos da ESAV, todas voltadas, para a diversificação e o desenvolvimento agrícola do Estado.

O professor Diogo Alves de Mello, ao escrever para o Secretário de Agricultura

¹¹³ Sobre a reconstituição histórica da produção científico-tecnológica da ESAV ver COELHO (1992).

da época, explicava toda a metodologia e a finalidade destas exposições e feiras:

[...] A Exposição de Fructas, [...] deu ocasião para que quase 600 pessoas visitassem à Escola. Todas essas pessoas foram bem recebidas e cada uma deve ter levado da Escola, alguma informação útil ou interessante. O Diretor, o Vice-Diretor e os professores, tanto quanto possível, dedicam pessoalmente aos visitantes o tempo que elles desejam, sempre respondendo com cuidado às consultas e fazendo especial esforço para mostrar a cada visitante o que lhe interessa mais. Por este modo, os visitantes saem muito mais interessados do que se fossem mostradas as mesmas coisas, com mais idéia de ostentação do que de incutir conhecimentos agrícolas úteis. Raramente, passa uma semana sem ser recebida a visita de um agricultor que procura a Escola com o fim de realizar o que é essencialmente, o ‘Curso Breve’ de um dia de estudo, em agricultura ou outra especialidade, de zootechnia, pomologia, horticultura ou agronomia. Pelo modo que nos é possível, estamos montando estes departamentos para, quando chegar um agricultor, elle possa aproveitar as experiências que estamos realizando. Por meios dessas visitas tem a Escola espalhado muitos ‘conhecimentos agrícolas úteis’, entre o povo rural desta zona, sem elle perceber que está sendo instruído. Consideramos o facto dos agricultores procurarem a Escola, como sendo uma grande victoria para o estabelecimento e seus methodos (MELLO, 1927, p. 23-24).

É visível que a Escola visava sobretudo estreitar seus laços com os agricultores. Trata-se de uma questão de “convencimento”, isto é, professores e dirigentes esavianos almejavam consolidar um novo tipo de produtor rural: o fazendeiro moderno. E era através da educação do “povo rural” que a instituição espalhava “muitos conhecimentos agrícolas úteis”. Portanto, pode-se constatar que:

[...] Ao analisar as pesquisas realizadas nessa instituição nota-se seu caráter utilitário, voltado para resolver os problemas imediatos dos fazendeiros da região [...] Dessa forma, na ESAV, foi a concepção de utilitarismo que prevaleceu em sua trajetória. Isso se deu devido à herança do modelo de educação americana transmitida [...] por P. H. Rolfs, que veio ao Brasil para planejar a criação da Escola, uma vez que o utilitarismo é uma vertente do pragmatismo norte-americano, que nasceu no seio das instituições dos Estados Unidos (COMETTI, 2005, p. 76).

Sendo assim, cabe ressaltar que a extensão do saber esaviano também extrapolava os “muros da Escola”. Sua prática extensionista¹¹⁴ começou com alguns contatos com os produtores rurais da região, passou pela troca de correspondências de agricultores, que as enviavam solicitando informações técnicas¹¹⁵ e evoluiu, a partir de 1929 para a realização de uma semana dedicada inteiramente a extensão dos conhecimentos agrícolas úteis ao produtor rural mineiro e de todo o país através da

¹¹⁴ Para saber mais sobre o processo de configuração e evolução da extensão rural na Escola de Viçosa ver: COMETTI (2005, p.110-149).

¹¹⁵ Eram dúvidas relacionadas a problemas encontrados pelos próprios fazendeiros da região. Vale ressaltar a procedência de cartas também de pesquisadores estrangeiros que pediam informações, abordando questões de técnicas de plantio agrícola.

realização da Semana do Fazendeiro¹¹⁶, hoje ícone da atividade extensionista agrícola no Brasil.

Paralelamente a esta prestação de serviço via correspondência a ESAV “espalhava” informações breves sobre a agricultura prática (de natureza técnica) e algumas notícias a respeito da Escola por meio de pequenos informativos impressos denominados “Boletins da Imprensa”. Estes boletins eram enviados aos cidadãos e estabelecimentos, que julgavam interessados, também eram enviados aos jornais do Estado para, ocasionalmente, serem divulgadas notícias da Escola, como por exemplo a data da realização das suas feiras e exposições. Tais impressos também disseminavam informações sobre candidatos à matrícula nos cursos da ESAV (através dos Estatutos da Escola), regras para as visitas à Escola entre outros temas relacionados à divulgação da pedagogia do campo forjada na instituição.

Rolfs sintetiza bem o que foram estas atividades extensionistas da Escola ao escrever para o Secretário de Agricultura de Minas:

Um dos modos mais importantes para a ‘disseminação’ de conhecimentos agrícolas úteis’ é por meio de responder às consultas feitas pelos agricultores . Mais tarde, quando forem bem conhecidos em todo o Estado os nomes dos professores da Escola, muito mais consultas serão recebidas, quanto aos métodos para melhoramento das condições nas fazendas, e da vida rural. Além de responder às consultas, deverá a Escola, de vez em quando, publicar informações sobre a agricultura. Durante o anno findo, temos tido muitas cartas a respeito da matricula de alumnos. Temos recebido cartas de diversos outros Estados, bem como muitas dos residentes do Estado de Minas Geraes. As cartas são sempre respondidas com o maximo cuidado. Geralmente, são de pessoas que já têm os Estatutos, mas que desejam alguma informação especial a respeito dos cursos. Por meio dessas cartas, temos evitado muitas difficuldades na matricula dos alumnos. Durante o anno, mais de setecentas cartas foram expedidas por este gabinete, representando estas um trabalho enorme, porque a maioria são traduzidas. Mais ou menos, cem dessas tratavam de matriculas na Escola, e o resto assumptos diversos. Foram remetidos 1.500 exemplares dos Estatutos da Escola. Por esse meio, a maioria dos nossos alumnos obtiveram seus primeiros conhecimentos exactos sobre a Escola. (ROLFS, 1927, p.27).

Diante de tal quadro de atividades extensionistas desenvolvidas pela ESAV

¹¹⁶A Semana do Fazendeiro segundo BORGES (2000, p.15) “[...] fruto do trabalho de Bello Lisboa e dos então alunos Joaquim Fernandes Braga e José Coelho da Silva. É tida como a primeira grande manifestação do extensionismo no Brasil, [...] O evento originou-se de uma visita à Escola, em 1928, do médico e agricultor Jacintho Soares de Souza Lima acompanhado de um grupo de agricultores ubaenses [...]”. Este evento é realizado até hoje pela Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Viçosa (UFV). E acontece tradicionalmente na segunda quinzena de julho. Continua sendo prestigiada por produtores rurais de todo o território nacional e até internacional. Durante toda a semana cursos teórico-práticos, palestras, exposições sobre os mais diversos temas como: agricultura, pecuária, zootecnia, educação, nutrição, entre outros são oferecidos aos participantes. Para conhecer mais sobre este evento ver o trabalho de SILVA (1995).

pode-se estabelecer um alto nível de semelhança com as atividades “extra-muros” pioneiramente realizadas pelas escolas agrícolas norte-americanas, os *Land Grant Colleges*.

E foi com base no tripé ensino, pesquisa e extensão rural que a Escola de Viçosa atendeu ao projeto de diversificação produtiva almejado pelo Estado e pela elite agrária mineira desde o congresso econômico de 1903. Lançava-se assim, os pilares da estratégia política de modernização agrícola do Estado: ensino teórico prático, pesquisa utilitária e prática extensionista.

3.5 Os Deveres primordiais da E.S.A.V: introduzir o “progresso” no campo e “ajustar” a renda do trabalhador rural

Conforme mencionado anteriormente, Rolfs procurou, durante todo o processo de organização da Escola, aplicar a ciência à agricultura mineira. Por isto, ele buscou desde os primeiros tempos “educar” a população rural de todos os níveis sociais, através da disseminação dos métodos agrícolas modernos e práticos aos agricultores, trabalhadores rurais e filhos de fazendeiros.

Já que, de acordo com o cientista:

A produção de riqueza é a base do nosso bem estar. Sem ella, por exemplo as bellas artes não florescem. O mesmo se dá com a literatura. [...]. Applicando-se a Sicencia à Agricultura, iniciar-se-a uma época de prosperidade nacional. O Estado de Minas hoje é exemplo bom de um estado que necessita muito de mentalidades preparadas para por em pratica os processos modernos de lavoura com os quaes abrir-se a porta do celleiro de abundante producção agrícola. A Sciencia Agrícola já bem adiantada, nos mostra processos de lavoura de muito superiores aos usados hoje em Minas. Constitue *dever e prazer da E.S.A.V treinar e preparar os nossos agricultores para que eles possam utilizar os ensinamentos que lhes trarão prosperidade e melhores vidas* [...] (ROLFS, 1928, p.22).

Assim, é neste contexto que a noção de “progresso e civilização”, adotada pela profissionalização da escola, pode ser entendida na ótica do pensamento liberal clássico. Pois, na doutrina liberal clássica, “progresso” significa desenvolvimento econômico e está relacionada diretamente à capacidade de gerar riqueza de uma determinada nação. Fruto de uma razão econômica estabelecida no universo capitalista, o pensamento liberal estabeleceu a lógica de que quanto mais uma nação busca o progresso, mais civilizada ela se torna.

Logo, uma sociedade tornar-se-ia civilizada à medida que conseguisse progredir.

Para isso o trabalho devia ser tratado numa perspectiva enobrecedora, visto que, a base do progresso está no trabalho, ato “construtor” da riqueza e da civilização de uma nação. É a partir da crença no Progresso que surge a “preocupação” e o interesse político pela educação profissional. Na ESAV, profissionalização assumiria a condição de instrumento educativo ideal capaz de introduzir o **progresso** no campo.

Dessa forma se compreende porque o americano explicitava que era dever da Escola e, por conseguinte dos esavianos “formar”¹¹⁷ na mentalidade dos agricultores de MG o não uso dos processos agrícolas **arcaicos**.

As elites mineiras, tanto a agrária quanto a política, almejavam materializar nos campos de MG uma idéia de “reforma rural”, através da invenção de um produtor tido por ideal, pela fala e pensamento ruralista da época: o já referido *farmer* (fazendeiro) norte-americano.

Diante destas considerações torna-se importante salientar a seguinte colocação de MENDONÇA (1994) sobre a utilização da categoria agricultor no bojo do universo ruralista nacional:

Ambígua o suficiente para abrigar categorias sociais tão dispares quanto o trabalhador rural e mesmo o grande proprietário, a categoria agricultor cumpria preciosa função no universo da retórica ruralista: a de **negar e/ou obstaculizar** a diferenciação social latente no campo brasileiro, desde que a Abolição introduzira a possibilidade concreta da transformação do trabalho em força de trabalho. Por intermédio dessa categoria, altamente recorrente em todos os discursos compulsados, promovia-se um vago reducionismo que a todos igualava enquanto **produtores**, pouco importando se em terras próprias ou alheias [...] (MENDONÇA, 1994, p. 38-39).

E o caso da ESAV não foi diferente, pois o Estado de MG havia decidido, em 1920, por uma estratégia mais “audaciosa” de modernização da agricultura, através da constituição do projeto da Escola de Viçosa, justamente para promover a dinamização e a diversificação do setor produtivo. Contudo, sem promover uma reforma agrária, ou seja, sem provocar qualquer tipo de alteração no quadro de preservação do monopólio da terra detido pela elite agrária de Minas Gerais. Dessa maneira, as diferenças existentes entre os agricultores mineiros e brasileiros se limitavam somente à distinção entre *agricultores modernos* e *agricultores atrasados ou arcaicos*, desaparecendo, assim, da retórica ruralista brasileira, qualquer tipo de diferença sócio-econômica ou de

¹¹⁷ A questão da formação dos esavianos já foi tratada no item 3.3.

algum “vestígio” que apontasse a existência de “luta de classes” entres grandes, médios, pequenos produtores rurais e trabalhadores do campo.

Neste contexto, a escola foi orientada a atuar num crucial ponto do processo de desenvolvimento do capital agrário: a questão do *labor income*¹¹⁸, isto é, da baixa remuneração¹¹⁹ do trabalhador rural mineiro do período estudado, pois, conforme ROLFS (1928, p.12):

A riqueza do Estado de Minas, natural e produzida, é colossal, muito maior do que a de algumas nações independentes. Porém, quando consideramos a media do valor dos bens para a população total, chega-se a um resultado fraco. Quando consideramos o ordenado médio, achamol-o muito reduzido, comparado com o de outros paizes de igual civilização. *É exactamente neste ponto, isto é, augmentando o rendimento médio do trabalho, que no Inglez chamamos o “labor income”, fazendo que o trabalho agrícola diário renda mais, que a Escola prestará o melhor serviço ao Estado e à nação.*

Ainda segundo o raciocínio do especialista P. H. Rolfs:

Geralmente quando é pequeno o ordenado diário, é relativamente pequeno também, o “labor income”. Em alguns logares do Estado de Minas o ordenado diário, é ainda de 2\$500; em outros já subiu até 7\$000 por dia, em media. Na escola vendemos uma muda de laranja Bahia pelo preço de 4\$000 cada uma, no Estado da Califórnia pagam 40\$000 a um trabalhador commum por dia. Lemos no “Minas Gerais” de 9 de Dezembro de 1926, que uma casa exportadora da Califórnia offerecia à venda, a uma casa importadora de Bello Horizonte, laranjas da Bahia de qualidade superior, por preço menor que o cobrado pelos productores da região de Bello Horizonte; e isso depois das despesas de acondicionamento caprichoso e transporte longo. Não é só na América do Norte que isso se dá; encontram-se em Bello Horizonte fructas frescas da África do Sul, Nova Zelândia e Austrália, paizes esses onde os ordenados são reconhecidamente altos para os trabalhadores agrícolas. (ROLFS, 1928, p. 13).

Não que o alto ordenado por si só indicaria ou mesmo garantiria o lucro. No entanto, Rolfs estava ciente de que deveria preparar aos esavianos para quando formados orientarem os fazendeiros de Minas a “resolver o problema do ordenado mais conveniente a ser pago aos operários rurais”. Veja o que pensava P. H. Rolfs:

[...] Estamos certos de que a Escola poderá ajudar os agricultores nesse sentido. Permitam-me um exemplo: - Nos primeiros annos no Brasil visitei diversos estabelecimentos que produziam mudas de citrus para a exportação. Suggestionei aos seus dirigentes algumas modificações simples que seriam convenientes e que

¹¹⁸ *Labor income* em português significa “renda operária”.

¹¹⁹ Os baixos salários também foram considerados como um dos principais fatores responsáveis pela incitação ao êxodo rural, fenômeno de “depopulação” do homem do campo que mais contribuiu para a falta de mão-de-obra agrícola em MG, tanto nos anos finais do século XIX quanto nos anos de 1920, conforme foi apontado no primeiro capítulo do presente trabalho.

reduziriam muito o preço das mudas, a meu ver, depois de acompanhar de perto o desenvolvimento da citricultura no Estado da Florida. A resposta que tive foi que já experimentaram esses métodos, os quais talvez dessem bons resultados na Florida mas para o Brasil absolutamente não serviam. Hoje posso declarar-vos que as dificuldades que me disseram encontrar no emprego dos métodos modernos estava na aplicação dos métodos e não na diferença fundamental de condições. Embora esteja a Escola apenas no início e com as suas seções agrícolas muito pouco desenvolvidas, já vendemos milhares de mudas de citrus iguais às que se vendem na Califórnia e na Florida, e superiores a quaisquer outras que tenho visto à venda no Brasil. Foram produzidas pelos métodos econômicos que me informaram ser inteiramente impraticáveis; todo o serviço foi feito pelos Mineiros, tendo umas oitenta pessoas, entre alunos e outros, adquiridos conhecimentos e prática na realização deste trabalho. As mudas foram distribuídas a cento e cinquenta pessoas e estabelecimentos. (ROLFS, 1928, p.13-14).

Mais uma vez entrava em pauta a questão do tipo ideal de agricultor: o agricultor moderno, já que, pelo exemplo dado por Rolfs na citação acima se percebe o seu ensejo de mostrar que por meio dos métodos e técnicas agrícolas modernas qualquer produtor rural poderia reduzir custos na produção e assim investir no pagamento da remuneração mais adequada aos trabalhadores rurais mineiros e, conseqüentemente, ganhar novos mercados. Percebe-se que o pensamento do cientista americano estava calcado num “certo pressuposto iluminista, de superar o atraso” econômico de Minas pelo saber técnico em agricultura.

Cabe, ainda, ressaltar que, este dever da Escola de preparar seus alunos para atuar na regulação do salário do operário rural estava em plena sintonia com o pensamento ruralista brasileiro da década de 1920. Porque, do mesmo modo que Arthur Bernardes discursava na solenidade oficial de inauguração¹²⁰ da ESAV em prol da criação e da efetivação da “harmonia” e “solidariedade” dos interesses do capital, Rolfs imprimiu na instituição a orientação pedagógica de que os esavianos deveriam “ajudar” os fazendeiros mineiros a melhorarem a remuneração dos seus trabalhadores. Porque:

[...] O Brasil deveria desenvolver a instrução agrícola de tal modo que os fazendeiros pudessem obter maiores lucros, sendo, por isto, capazes de pagar salários mais elevados aos trabalhadores. Minas já tem perdido milhares dos seus mais valiosos auxiliares, grandes massas de trabalhadores, que tem se encaminhados para São Paulo, onde os fazendeiros mais adiantados podem pagar ordenados mais altos do que as são comuns em Minas (ROLFS, 1925, p.33).

Portanto, o norte-americano estava realizando uma defesa em prol da solidificação e associação harmônica do capital agrário de Minas Gerais: a instauração e

¹²⁰ Ver sobre a relação do projeto político da ESAV com o pensamento ruralista brasileiro dos anos 1920 o item: Inauguração oficial da Escola no segundo capítulo do presente estudo.

manutenção da organização do trabalho rural.

Outro ponto muito defendido na Escola por P.H. Rolfs relaciona-se com a sua preocupação em superar a baixa competitividade dos produtos agrícolas mineiros e brasileiros no mercado internacional com produtos cultivados em nações caracterizadas, inclusive por terem condições físicas desfavoráveis, como por exemplo, tipo de solo e tipo de clima.

Segundo o especialista, os grandes causadores desta baixa competitividade eram os altos preços de comercialização dos produtos agrícolas. E, para reverter tal panorama, fazia-se necessário mecanizar ao máximo a produção agrícola de MG e eliminar a “mão de obra” desnecessária, pois a mesma encarecia o preço final do produto a ser comercializado. De acordo com seu pensamento:

[...] Esta dificuldade é resultado de administração antieconomica de trabalho. Hoje o serviço braçal desnecessário encarece o producto a ponto de não produzir lucros. A pequena Ilha de Cuba já tomou grande parte do mercado de assucar que outrora pertencia ao Brasil. Na Argentina produz-se um Kilo de milhos bastante mais barato do que aqui, o que lhes permite nol-o vender com lucro. Java, Estados Unidos da Columbia, Venezuela e Guatemala estão progressivamente invadindo o mercado do café, não porque produzem e sim porque exportam melhor café e por preços de concorrência. Com pequenas modificações nos methodos agrícolas actuaes, poderá o Estado de Minas tornar-se rico além da espectativa dos mais optimistas dos seus cidadãos. Milhares de trabalhadores a enxada poderiam ser empregados em outras industrias lucrativas, ou podiam occupar-se em uma lavoura rendosa, enquanto hoje ganham apenas para uma vida sem conforto. Um homem com um burro e um cultivador faz mais trabalho em um dia do que vinte com enxadas. No terreno da Escola, um homem com um arado Chattanooga reversível, duas juntas de bois e um menino, fez mais trabalho em um dia do que 19 homens trabalhando simultaneamente, com picaretas. O arador nessa experiência foi um Mineiro analphabeto que poucas semanas antes nunca tinha visto um arado Chattanooga reversível [...] (ROLFS, 1928, p. 14 -15).

Assim, os alunos “esavianos” eram “educados” e instruídos através da prática associada à teoria na medida certa. Estes estudantes deveriam manter sempre um ideal à vista: “saber produzir” para o crescimento de Minas e da nação Brasileira. Por isto, a mecanização havia sido eleita como “carro chefe” dos conhecimentos disseminados pelo corpo docente da ESAV, conforme os apontamentos do item anterior do trabalho sobre a concepção político-pedagógica da Escola. Mais uma vez pode-se verificar a utilização da ideologia iluminista do “saber” enquanto um instrumento ideal e único para colocar MG na rota das economias mais desenvolvidas do país.

Dessa forma, destaca-se, nesta análise sobre o papel da Escola de Viçosa no bojo

da política agrícola de MG dos anos 1920, a relação da ESAV com um dos principais objetivos da primeira fase¹²¹ de desenvolvimento do ensino agrícola mineiro: a organização da mão-de-obra do campo, visto que, os baixos salários, além de não terem contribuído para a dinamização da diversificação produtiva do Estado, estimulavam o homem do campo a abandonar a atividade agrícola em busca por melhores condições de sobrevivência nos centros urbanos. Como também incitou a estes homens a buscarem por trabalho nas lavouras paulistas, onde os fazendeiros de São Paulo ofereciam a estes trabalhadores melhores salários do que os ofertados pelos fazendeiros em Minas, conforme apontou o próprio P.H. Rolfs.

Em suma, concluiu-se que, para o organizador da Escola de Viçosa, o caminho para o “progresso e civilização” do Estado de Minas Gerais seria único: modificar os métodos agrícolas “rotineiros” de todo e qualquer agricultor tido como arcaico pela moderna pedagogia do campo, que P.H. Rolfs, em grande parte ajudou a consolidar na ESAV, durante todo o processo de constituição da Escola. Este propósito estava em perfeita sintonia com os interesses sócio-econômicos, políticos e culturais das classes produtoras do setor agrário mineiro e do Estado. A final, o ensejo de ratificação da vocação essencialmente agrícola de Minas que “pairou” sobre os anos 1920 constituiu-se num ponto em comum entre todos os sujeitos sociais que fizeram do ensino agrícola “motor” da economia estadual.

Apesar de difícil, é chegado o momento da realização de um “balanço” de todas as análises, apontamentos e fatos históricos discutidos pelo presente trabalho. Assim sendo, o leitor é convidado a apreciar, a seguir as considerações finais desta pesquisa.

¹²¹ Sobre a primeira fase da configuração e evolução do ensino agrícola em Minas Gerais ver o primeiro capítulo do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] Há mais ou menos vinte e seis anos que aqui estivemos para assistir à inauguração oficial deste Estabelecimento. Exercíamos então as altas funções de Presidente da República e quizemos dar com a nossa presença o exato sentido da importância daquele ato. Fincávamos aqui um marco assinalado, porque divisório de duas épocas distintas na vida agrícola de um dos maiores Estados da Federação: a que vinha dos primórdios da nacionalidade, caracterizada pelo primitivismo agrícola, e outra que se iniciava com a implantação de novos processos de trabalhar a terra e cuidar das plantas, das árvores e dos animais. Inspirava-nos então, como ainda hoje, o objetivo de tornar o trabalho mais produtivo com menor esforço do homem [...]. (BERNARDES, 1952, [s/p.]).

Acredita-se que as principais conclusões a que se chegou com a realização dessa pesquisa já foram explicitadas no transcorrer deste texto e, por isso mesmo, julgou-se desnecessário retomá-las mais especificamente.

Por outro lado, se fez necessário tecer algumas considerações, que tendem a sobrevalorizar alguns indícios delineando-os através de “fases” ou “marcos” temporais. Eis os riscos da “pausa” na construção de um trabalho de pesquisa. No entanto, não é possível esquivar-se do ato de “concluir”, principalmente, quando o próprio método de análise tratou o objeto de estudo numa perspectiva “histórico interpretativa”.

Desse modo, este objetivo metodológico da pesquisa praticamente “convocou” o autor a analisar as origens históricas, isto é, as “raízes” da Escola de Viçosa, já que uma história factual ou laudatória não corresponderia aos pressupostos teóricos adotados no presente trabalho.

Logo, procurou-se interpretar o processo de constituição da instituição de ensino pesquisada durante os anos 1920, com base em uma gama de documentos impressos que, como se sabe, “não falam por si mesmos” e por isto, foram submetidos a uma espécie de diálogo com o autor do trabalho, pois “[...] ao contrário do que afirma a tradição positivista, as perguntas que o pesquisador formula ao documento (impostas pelo presente em que está mergulhado) são tão importantes quanto ele próprio” (LOPES & GALVÃO, 2001 p. 91).

Assim, a partir dos elementos considerados neste estudo, pode-se constatar que a criação da ESAV fez parte de um projeto de desenvolvimento e diversificação produtiva do Estado de Minas Gerais, forjado para promover a racionalização do campo, ou melhor, a modernização da agricultura mineira por meio da “invenção” de um tipo ideal de produtor rural: o *farmer* (fazendeiro) norte-americano.

Este projeto de “recuperação” e dinamização da economia mineira foi esboçado pelo Estado e pela elite agrária no Congresso Econômico das “classes produtoras” de MG realizado em Belo Horizonte - MG, no período de 13 a 19 de maio de 1903. O evento delegou ao ensino agrícola elementar mineiro a tarefa de *formar, qualificar e organizar* a mão-de-obra rural de modo que, as inovações técnicas no trato com a terra e rebanhos fossem disseminadas a todos os grupos sociais do meio rural mineiro do período em estudo. Trata-se do pressuposto iluminista que transfere ao “saber” técnico a tarefa de promover o *progresso* e a *civilização* do país.

Deste modo, destacaram-se nesta pesquisa duas nítidas fases que marcaram a configuração e a evolução do ensino agrícola em Minas Gerais. A primeira fase caracterizou-se pela materialização de uma política estatal para o setor com ênfase na educação básica para o trabalho agrícola. Esta educação calcada na idéia de “positividade do trabalho”, que marcou o período histórico da “pós-escravidão”, promoveu a profissionalização da instrução agrícola elementar em dois níveis: “[...] o do ensino profissional em escolas e o da instrução prática de trabalhadores adultos” (DULCI, 1999, p.51).

O positivista João Pinheiro foi o principal articulador desta missão pedagógica de educar a população rural para a promoção do progresso, quando ocupou o cargo de Presidente do Estado de MG (1906-1908). Daí a efetivação do incentivo ao ensino primário agrícola, a criação de instituições de aprendizagem rural como: fazendas-modelo, campos de experiência e de demonstração associados ao serviço ambulante de extensão dos novos métodos e de disseminação do uso de máquinas e equipamentos agrícolas às comunidades do campo de Minas.

Vale lembrar que, este programa de ensino estadual foi ratificado pelo Regulamento Geral do Ensino agrícola de 1911. E deve-se notar também que, tal Regulamento direcionou os sucessores de Pinheiro a continuarem investindo na educação profissional elementar dos mineiros do meio rural até 1916.

Apesar, do “fracasso” de grande parte das modalidades de ensino agrícola profissionalizante elementar, conforme visto no primeiro capítulo deste estudo,

constatou-se que o foco da primeira fase da instrução agrícola em MG foi a organização da mão-de-obra rural a fim de reter o trabalhador no campo.

Na segunda fase de evolução do ensino agrícola mineiro, o eixo norteador foi a idéia de renovar o campo em termos técnicos e socioculturais, visto que a estratégia utilizada para atender o desenvolvimento e a diversificação produtiva almejada pelas elites mineiras, desde o Congresso de 1903, foi “rearticulada” durante o governo estadual do Presidente Arthur Bernardes (1918-1922) com a criação da Escola de Viçosa, por meio do Decreto Lei nº 761 de 6/09/1920.

Nasciam assim, as “bases” para a efetivação da modernização da agricultura do Estado. Para isto, Arthur Bernardes buscou no modelo de ensino das escolas agrícolas norte-americanas, os *Land Grant Colleges*, o projeto político-pedagógico necessário para levar a frente tal objetivo. E por influência do principal organizador técnico da ESAV, o cientista norte-americano Peter Henry Rolfs, a Escola de Viçosa “foi delineada com a feição e a dinâmica” de um *college* agrícola americano.

Cabe salientar que nesta segunda fase eram outras as circunstâncias econômicas. Destacam-se neste período os anos finais da Primeira Guerra Mundial, porquanto Minas Gerais passou a ter novas oportunidades para participar do mercado agrícola nacional e internacional e por isto necessitava de uma instituição de ensino que fosse capaz de qualificar e dinamizar o setor agropecuário mineiro “com base em recursos científicos avançados”.

Deve-se considerar que, a criação da ESAV acabou inaugurando uma nova fase no processo de configuração da instrução agrícola mineira. Não que, a elite política houvesse abandonado as preocupações anteriores com o problema da mão-de-obra rural abordado no primeiro capítulo deste texto. Houve, na verdade, uma espécie de ampliação do foco da atenção estatal quanto à premissa de desenvolvimento adotada em MG. Portanto, a ESAV foi estruturada no tripé ensino, pesquisa e extensão rural principalmente para servir de alicerce para a tática de diversificação produtiva do Estado e das “classes produtoras” mineiras.

Porém, havia um grande obstáculo para a efetivação da estratégia de modernização do campo: o empirismo agrícola de trabalhadores e produtores rurais mineiros. Diante desta problemática a Escola de Viçosa procurou formar um quadro de profissionais qualificados que, sobretudo, estivessem em sintonia com as idéias e valores de uma sociedade moderna e civilizada. Uma vez que, a questão era superar o “Jeca Tatu” no trabalhador rural, isto significava, metaforicamente, levantar o caipira

mineiro que estava de cócoras.

Tratava-se, então, apenas de enfrentar o peso da tradição dos métodos arcaicos de produção agrícola. Em momento algum a má distribuição de terra seria questionada ou revisada. Assim, os produtores seriam classificados somente como agricultores modernos ou atrasados. Consequentemente não ocorreram mudanças na estrutura social do campo, isto é, permaneciam latentes as desigualdades sócio-econômicas do homem rural, só, que camufladas pelo discurso ruralista de classificação do produtor no binômio: **arcaico ou moderno**.

Para levar a frente este projeto de “reforma rural” formulou-se na ESAV um novo tipo de agricultor, o *farmer* (fazendeiro) norte-americano. Este tipo de agricultor tido como ideal era oposto ao *Jeca Tatu de Monteiro Lobato*, porque não se opunha a cientificização da agricultura e tratava os problemas da terra apenas sob a ótica dos aspectos técnicos. Ao contrário do trabalhador (operário) rural e do pequeno produtor que, além de desprovido de recursos financeiros e métodos modernos de produção, almejava ser proprietário da terra que produzia, em outras palavras, sonhavam com a reforma agrária.

É diante destas considerações, que esta pesquisa classifica a modernização do campo promovida pela Escola de Viçosa, como “conservadora”¹²² e conivente com a *manutenção* e *ampliação* da hegemonia da elite agrária mineira do período em estudo.

E como suporte material para a materialização desta “modernização conservadora”, engendrou-se na Escola de Viçosa um “otimismo pedagógico”¹²³, isto é, uma pedagogia do campo inspirada no ideário da Escola Nova, haja visto que até mesmo o utilitarismo presente nas atividades da instituição fora oriundo de uma vertente do pragmatismo norte-americano, que tem “raiz” nas instituições dos Estados Unidos.

Cabe destacar também que, as atividades de ensino, pesquisa e de extensão rural da Escola eram realizadas com vista a atender as condições locais e os recursos existentes. Além disso, estas atividades foram marcadas por princípios pedagógicos de tempo escolar integral (*full time*). Em que as aulas teóricas tinham base na ciência moderna e na experimentação, com ênfase nos trabalhos práticos através do método “aprender fazendo”, no próprio ambiente rural.

¹²² Entende-se por modernização conservadora aquela que não promove transformações sociais como: reforma agrária e diminuição das desigualdades entre os homens, etc. Cf. DULCI (1999; 2005).

¹²³ Entende-se “otimismo pedagógico” conforme NAGLE (1974, p.101-102).

No bojo destes princípios a disciplina baseava-se na “responsabilidade pessoal dos alunos”, isso significava ter disciplina “pelo caráter e não pela força”, tal qual era preconizado pelas premissas da “Pedagogia Escola Novista”.

Neste projeto educativo os estudantes “esavianos” seriam os principais agentes difusores do ideal modernizador do homem e da lavoura mineira. Ou seja, eles deveriam “liderar intelectualmente” a modernização do campo. Por isso que, estes “moços” recebiam conhecimentos técnicos e científicos modernos sobre agropecuária, associados às idéias e valores morais, cívicos, higienistas e de educação para o trabalho defendida pela elite agrária e política da época.

Enfim, concluiu-se que, a contratação do cientista Peter Hernry Rolfs significava a escolha do Estado de MG personificado na figura política de Arthur Bernardes por um sistema de ensino que representava a “pujança” e o desenvolvimento econômico conquistados pela agricultura norte-americana tão almejada pela burguesia agrária de Minas. Daí a finalidade esaviana de racionalizar e diversificar a produção agrícola de MG, no menor tempo possível aliada à premissa de moralização do trabalhador rural.

Deste modo, entende-se que o projeto político de criação da ESAV além de ter hasteado as principais bandeiras do movimento ruralista brasileiro dos anos 1920, em Minas Gerais, esta instituição definiu um novo momento no processo de desenvolvimento da instrução agrícola mineira: o compromisso de reformar o campo, sem alterar as relações de produção do “mundo rural”.

Dessa maneira, tendo em vista as considerações acima apresentadas pode-se entender a Escola de Viçosa não como um “aparelho ideológico de Estado”, do autor Althusser, mas, sim como um “aparelho privado de hegemonia”¹²⁴. Pois, no caso de Viçosa, a presente pesquisa apontou indícios que “sinalizam” a ESAV enquanto uma instituição civil que cumpriu sua função social no âmbito da cultura e da hegemonia “direcionada” pela elite política e agrária de MG, no período estudado.

Espera-se que, a realização desta pesquisa possa de alguma forma contribuir com o debate do campo da História de Instituições Escolares mineiras e que por meio deste estudo outras análises sob o tema proposto possam ser “despertadas” e desenvolvidas. Principalmente no sentido de se apontar reflexões críticas pós 1929, sobre o processo de desenvolvimento e atuação da antiga ESAV, atual Universidade Federal de Viçosa (UFV).

¹²⁴ Conforme a instituição escolar era entendida por Gramsci.

Além disso, deve-se considerar que esta instituição nos dias atuais, ainda direciona a sua produção científica e tecnológica em favor dos principais segmentos capitalistas do ramo agrônomo e de seus respectivos grupos sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Denílson Santos de. *Tese Melhoramento do Homem, do Animal e da Semente. O projeto Político Pedagógico da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (1920-1948): Organização e Funcionamento*. Tese de Doutorado em Educação. Universidade de São Paulo, 2005.

BAÍA, Anderson da Cunha. *O Esporte na Consolidação e Propagação do Espírito Esaviano*. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade Federal de Uberlândia, 2006.

BORGES, José Marcondes e outros. *A Universidade Federal de Viçosa no Século XX*. 1ª ed. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa. Imprensa Universitária, 2000.

BORGES & SABIONI. *Primeiros Tempos da Universidade Federal de Viçosa pelas Lentes de Rolfs*. 1ª ed. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa. Imprensa Universitária, 2006.

BORGES, Vera Lúcia Abrão. *A Instrução Pública na Fala da Elite: Modernização, Republicanismo e Ensino Primário – Brasil e Minas Gerais, 1892 – 1898*. Tese de Doutorado em Educação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1998.

BUFFA, Ester e NOSELLA, Paolo. *Universidade de São Paulo; Escola de Engenharia de São Carlos; Os primeiros tempos: 1948 – 1971*. São Carlos: EdUFSCar, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*. 8ª. Ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

CAPDEVILLE, Guy. *O Ensino Superior Agrícola no Brasil*. Viçosa: Imprensa Universitária/UFV, 1991.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas*. 4ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A Escola de Minas de Ouro Preto. O peso da glória*. Rio de Janeiro: FINEP, 1978.

_____. *A Escola de Minas de Ouro Preto. O peso da glória*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Educação e política nos anos 20: a desilusão com a República e o entusiasmo pela educação. *A década de 1920 e as origens do Brasil Moderno*. LORENZO, Helena Carvalho de. & COSTA, Wilma Peres da (orgs.) São Paulo: Editora UNESP, 1997.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1982.

COELHO, Eduardo Lara. *UFV 70 Anos. A Trajetória da Escola de Viçosa*. LIMA, Antônio Luiz de. (org.). Viçosa: Imprensa Universitária, 1996.

COELHO, France Maria Gontijo. A Produção Científico-Tecnológica para Agropecuária: da ESAV à UREMG, Conteúdos e Significados. Viçosa: Imprensa Universitária, 1992, Dissertação de Mestrado.

COMETTI, E.S. *A Extensão na Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa (ESAV). 1926-1948*. Juiz de Fora. MG. Dissertação de Mestrado. 2005.

COSTA, Emília Viotti da. *Da Monarquia à República: momentos decisivos*. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DEMO, Pedro. *Metodologia do Conhecimento Científico*. 1ª.Ed. São Paulo: Atlas, 2000.

DULCI, Otavio Soares. João Pinheiro e as Origens do Desenvolvimento Mineiro. *Minas e os Fundamentos do Brasil Moderno*. GOMES, Ângela de Castro (org.) Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, Capítulo III.

_____. *Política e Recuperação Econômica em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A República do Trabalho: a formação do trabalhador-cidadão no alvorecer do século XX. *Cadernos do Departamento de Ciência Política*, UFMG, n.8/ *Revista do Departamento de História*, n. 10 (Número Conjunto), Belo Horizonte, 1990.

_____. *História do Instituto João Pinheiro. 1909-1934*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 1991 mimeo.

FARIA, Maria Auxiliadora. *A política da gleba: as classes conservadoras mineiras*. Tese de Doutorado em História. Universidade de São Paulo, 1992.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 2001.

DUTRA, Eliana Regina de Freitas. República e Trabalho no Registro da Burguesia. *Cadernos do Departamento de Ciência Política*, UFMG, n.8/ *Revista do Departamento de História*, n. 10 (Número Conjunto), Belo Horizonte, 1990.

GONDRA, J. G. Medicina, Higiene e Educação Escolar. Lopes, E. M. T; FARIA FILHO, L. M. de & VEIGA, C.G. (Orgs.). *500 anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: autêntica, 2000. p. 519-550.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da Cultura*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1989.

_____. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 7ªEd, 1987.

HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos. O breve século XX 1914-1991*. 2ª.Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e Vadiagem. A origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1994.

LAJOLO, Marisa. Jeca Tatu em três tempos. SCHWARZ, Roberto (org.). *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983, p. 101-105.

_____. Jeca Tatu mostra um Monteiro Lobato preocupado com a saúde pública, 2004. Disponível em: www.comciencia.br/entrevistas/2005/06entrevistal.htm, Acesso em 10 de dezembro de 2006.

LANNA, Ana Lúcia Duarte. *O Café e o Trabalho “Livre” em Minas Gerais – 1870/1920*. Revista Brasileira de História, n.12, volume 6. São Paulo, mar./ago. 1986.

LEÃO, Carneiro. *O Brasil e a Educação Popular*. Rio de Janeiro: Jornal do Commercio, 1917.

LE GOFF, Jacques. Antigo/Moderno. *Enciclopédia Einadi*. Volume 1. Memória-História. Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1984.

LOPES, Maria de Fátima. *O Sorriso das Paineiras: Construção do gênero em Universidade Rural*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

MENDONÇA, S. R. de. *Ruralismo – Agricultura, Poder e Estado na Primeira República*. Tese de Doutorado. São Paulo. SP, 1990.

_____. *O Ruralismo Brasileiro (1888-1931)*. São Paulo: Editora HUCITEC.

_____. Grande Propriedade, Grandes Proprietários: Velhas Questões, Novas Abordagens (1890-1930). *História e Perspectiva, UFU, n.10/Revista dos Cursos de História*, Uberlândia, 1994.

MOURÃO, Paulo Kruger Corrêa. *O ensino em Minas Gerais no tempo da República*. Belo Horizonte: Centro Regional de Pesquisas Educacionais de Minas Gerais, 1962.

NAGLE, Jorge. *Educação e Sociedade na Primeira República*. São Paulo: EPU, 1974.

PANIAGO, Maria do Carmo Tafuri. *Viçosa, Mudanças Socioculturais – Evolução História e Tendências*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa. Imprensa Universitária, 1990.

PAVAGEAU, Moacyr. *A Origem da UFV, a Escola de Viçosa (Memórias de um Esaviano)*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa. Imprensa Universitária. Imprensa Universitária, 1991.

PERISSINOTTO, Renato Monseff. Resenha, *O Ruralismo Brasileiro (1889-1931)*. MENDONÇA, Sônia Regina de (autora). Revista de Sociologia e Política n.12/Universidade Federal do Paraná, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

RAASCH, Silas. *Arquivo Histórico da Universidade Federal de Viçosa: Pesquisa e*

Memória. Relatório de Pesquisa. Viçosa, Universidade Federal de Viçosa, mimeo, 2006.

RESENDE, Maria Efigênia Lage. *Formação da Estrutura de Dominação em Minas Gerais: O Novo PRM. 1889-1906*. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

RIBEIRO, Fernando. *Reminiscências de uma época*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa. Imprensa Universitária. Imprensa Universitária, 1996.

RIBEIRO, M. G. M; COMETTI, E. S; VITÓRIA, E. L. *Escola Superior de Agricultura e Veterinária de Viçosa: um land grant college no Brasil?* Relatório de Pesquisa. Viçosa, Universidade Federal de Viçosa, mimeo, 2001.

RIBEIRO, M. G. M. Caubóis e Caipiras. Os land grant colleges e a Escola Superior de Agricultura de Viçosa. *História da Educação, ASPHE, n.19/Revista da FAE/UFPel*, Pelotas, 2006.

RODRIGUES, Lincol M. Rodrigues. Aspectos da Legislação do Ensino Agrícola Brasileiro. *Boletim n.5 da Associação dos Ex-Alunos da ESAV*. Viçosa, 1942

SALLES, Iraci Galvão. *Trabalho, Progresso e a Sociedade Civilizada: o Partido Republicano Paulista e a política de Mão-de-obra (1870-1889)*. São Paulo: Hucitec, 1986.

SANTOS, Thiago Nicodemos Enes dos. *Arquivo Histórico da Universidade Federal de Viçosa: Pesquisa e Memória*. Relatório de Pesquisa. Viçosa, Universidade Federal de Viçosa, mimeo, 2006.

SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1978.

SILVA, Uiara Maria da. *Extensão Universitária: A Interação do Conhecimento na Semana do Fazendeiro – UFV*. Viçosa: Imprensa Universitária, 1995, Dissertação de Mestrado.

SINGER, Paul. Evolução da Economia e Vinculação Internacional. *Brasil um Século de Transformações*. WILHEIM, Jorge (org.) São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

TEIXEIRA, Igor Salomão. *Um Land Grant College nas Gerais: Resgate da Memória da Universidade Federal de Viçosa através de seu acervo documental*. Relatório de Pesquisa. Viçosa, Universidade Federal de Viçosa, mimeo, 2004.

TORRES FILHO, A. *O Ensino Agrícola no Brasil: seu estado atual e a necessidade de sua reforma*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1926.

UNIVERSIDADE RURAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS. *Escola Superior de Agricultura – Origem – Desenvolvimento – Atualidade*. Viçosa: UREMIG, 1968.

VOGT, Carlos. Sezonismo, 2004. Disponível em www.comciencia.br/200506/carta/index.shtml. Acesso em 10 de dezembro de 2006.

XAVIER, M. E. S. P. *Capitalismo e Escola no Brasil*. Campinas. Papirus, 1990

WIRTH, John D. *O fiel da Blança: Minas Gerais na Federação Brasileira 1889/1937*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Documentos Consultados/Fontes Primárias

ROLFS, P.H. *Ensino Agrícola Mineiro e Brasileiro. II Conferência Nacional de Educação*. Belo Horizonte, **1928**.

_____. *Discussão da Regulamentação do Ensino Agrônômico*. Viçosa: Escola Superior de Agricultura do Estado de Minas Gerais, **1925**.

_____. *Relatório Anual do Diretor da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais, Peter Henry Rolfs, ao Secretário de Agricultura Djalma Pinheiro Chagas*. Viçosa, **1929**.

_____. *Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Geraes. Primeiro Anuário*, **1927**. Belo Horizonte: Secretaria de Agricultura, Indústria, Terras, Viação e Obras Públicas do Estado de Minas Geraes, 1931, 91p.

LISBÔA, João Carlos Bello. *Boletim n. 1/Anno I de Agricultura, Zootechnia e Veterinária*. Belo Horizonte: Secretaria de Agricultura, Indústria, Terras, Viação e Obras Públicas do Estado de Minas Geraes. **1928**.

_____. *Cópia do relatório da comissão de construção da Escola Superior de Agricultura e Veterinária do Estado de Minas Gerais (ESAV)*. Viçosa: ESAV, **1929**.

Regulamentos da ESAV de 1926 (*Decreto n.7323, de 25 de agosto de 1926*); Regulamento da ESAV de 1927 (*Decreto n.7461 de 21 de janeiro de 1927*).

Decreto Lei n. 761 de 6 de setembro de 1926 (Lei de criação da ESAV).

Livro de Formatura ESAV 1939.

Discursos do Presidente Arthur da Silva Bernardes: 1926, 1929 e 1952.

Cartas do cientista Peter Henry Rolfs: a de 1925 enviada para Arthur Bernardes e a de 1929 ao Sr. João Carlos Bello Lisboa.

Fontes iconográficas.